

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP- DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

GUILHERME WILSON FURLAN MATOS ALVES

**O uso do smartphone e da Internet nos territórios do mundo escolar por jovens-
estudantes do ensino médio: acordos subentendidos, incivilidades e tensões**

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
da USP, como parte das exigências para
obtenção do título de Mestre em Ciências,
Área: Educação

RIBEIRÃO PRETO

2023

GUILHERME WILSON FURLAN MATOS ALVES

O uso do smartphone e da Internet nos territórios do mundo escolar por jovens-estudantes do ensino médio: acordos subentendidos, incivildades e tensões

Versão Original

Dissertação apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área: Educação

Orientador: Prof. Dr. Elmir de Almeida

RIBEIRÃO PRETO

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Alves, Guilherme Wilson Furlan Matos

O uso do smartphone e da Internet nos territórios do mundo escolar por jovens-estudantes do ensino médio: acordos subentendidos, incivildades e tensões. Ribeirão Preto, 2023.

94 p.: il.; 30 cm

Dissertação apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, - Área: Educação

Orientador: Prof. Dr. Elmir de Almeida.

ALVES, G. W. F. M. **O uso do smartphone e da Internet nos territórios do mundo escolar por jovens-estudantes do ensino médio:** acordos subentendidos, incivildades e tensões. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2023.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Profo (a). Dr (a). _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Profo (a). Dr (a). _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Profo (a). Dr (a). _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Profo (a). Dr (a). _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Profo (a). Dr (a). _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Aos mestres das ciências que nos antecederam.

AGRADECIMENTOS

Ao fim deste trabalho, gostaria de agradecer às pessoas que durante todo este percurso contribuíram direta ou indiretamente para a formulação e desenvolvimento de meu projeto de pesquisa e a construção deste texto dissertativo, seja com apoio emocional, dicas, incentivo, críticas e até mesmo cobranças.

Primeiramente agradeço aos meus pais, Wilson (*in memoriam*) e Naná, além da Rita (*in memoriam*). Ao meu pai por todo o incentivo à leitura, reflexão, criticidade e às divagações como formas diferentes de pensar “fora da caixinha”. À minha mãe, agradeço ao apoio financeiro por proporcionar os estudos e vários cursos que contribuíram ao longo destes anos na minha formação. Também não posso esquecer-me do apoio logístico com lanches e demais alimentação quando saía correndo do trabalho e ia para as aulas do mestrado ou mesmo quando chegava tarde da noite. No final, seu apoio, incentivo e compreensão durante os últimos momentos da minha escrita também foram importantes. À Rita, por ser minha segunda mãe e proporcionar na infância e adolescência todos os cuidados, sejam eles na alimentação ou nas tarefas de casa, além de sempre me esperar para nossos “almoços filosóficos”, quando eu chegava da faculdade (eu estudante de História e ela, estudante de Pedagogia).

Aos meus irmãos, agradeço pelo apoio proporcionado de diversas formas. Wilsinho e a minha cunhada Ana por me oferecer moradia em Ribeirão Preto, além de café da manhã, o lanche da tarde e mesmo janta após as aulas, grupos de estudos, ou provas e processos seletivos que prestei até conseguir ingressar no mestrado. Vale lembrar que nestas passagens na casa deles, tive a companhia das minhas sobrinhas, Maria Elisa e Eduarda, que alegravam o meu dia. Já ao Marcelo, agradeço o incentivo, o apoio e as consultas técnicas ao longo desta pesquisa. Ele foi o primeiro da família a fazer o mestrado e o doutorado foi uma inspiração para mim e para o Wilsinho. A partir de nossos itinerários, seguimos o seu caminho!

Aos meus tios, tias, primos e primas por rezarem e torcerem por mim. Agradeço também aos meus amigos e professores do Ensino Básico que estiveram ao meu lado ao longo desta jornada em busca do conhecimento.

Ao professor e orientador Prof. Dr. *Elmir de Almeida*, agradeço por me acolher, me cobrar, me aconselhar, me orientar e por compartilhar conhecimento e reflexões, além de proporcionar experiências no mundo da pesquisa, sejam elas nas reuniões/encontros do grupo de estudo, o LEPINJE- Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Infância,

Juventude e Educação- junto com os parceiros Rômulo, Laura, Dilson, Lucas, Edmar, Ruth, Samuel, sejam elas em pesquisas em parceria com outras instituições, sejam elas nas chamadas de vídeo nas quais debatíamos textos científicos das Ciências Sociais, caros e necessários à nossa formação acadêmica, e também trocávamos informações e reflexões sobre a vida. As trocas foram ricas.

Agradeço aos funcionários da USP que sempre foram gentis e solícitos quando os acionei. Este respaldo é de grande valia.

Ainda em relação à academia, também agradeço ao Professor Dr. Felipe de Souza Tarábola e à Professora Doutora Débora Cristina Piotto pela participação na minha banca de qualificação (momento de extrema importância para o prosseguimento da pesquisa), com seus comentários, críticas, reflexões e dicas. Tentei ao máximo possível atender ao que foi pedido por ambos.

Agradeço à minha companheira, a minha namorada Taci, que apesar de chegar nos “45 minutos do 2º tempo”, pôde me apoiar, me incentivar, ser ombro amigo ao escutar minhas reclamações e desabafos, além de estar ali pertinho da USP, sendo agora o meu novo abrigo (nos dois sentidos da palavra). Obrigado, meu amor!

Por fim, a você que está lendo estas páginas, espero que esta pesquisa sirva de inspiração à formulação de novas perguntas para que outros estudos sejam feitos sobre os temas e questões aqui abordados. Obrigado por chegar até aqui também.

Criei meu *website*
Lancei minha *homepage*
Com 5 *gigabytes*
Já dava pra fazer
Um barco que veleje

Meu novo *website*
Minha nova *fanpage*
Agora é *terabyte*
Que não acaba mais
Por mais que se deseje

Que o desejo agora é garimpar
Nas terras das serras peladas virtuais
As criptomoedas, *bitcoins* e tais
Não faz economias, novos capitais

Se é música o desejo a se considerar
É só clicar que a loja digital já tem
Anitta, arnaldo antunes, e não sei mais
quem
Meu bem, o *itunes* tem

De a a z quem você possa imaginar
Estou preso na rede

Que nem peixe pescado
É *zapzap*, é *like*
É *instagram*, é tudo muito bem bolado

O pensamento é nuvem
O movimento é drone
O monge no convento
Aguarda o advento de Deus pelo *iphone*

Cada dia nova invenção
É tanto aplicativo que eu não sei mais não
What's app, what's down, what's new
Mil pratos sugestivos num novo menu

É *facebook*, é *facetime*, é *google maps*
Um zigue-zague diferente, um beco, um
cep
Que não consta na lista do velho correio
De qualquer lugar
Waze é um nome feio, mas é o melhor
meio
De você chegar

Pela *Internet 2*
Gilberto Gil

RESUMO

ALVES, G. W. F. M. **O uso do *smartphone* e da Internet nos territórios do mundo escolar por jovens-estudantes do ensino médio:** acordos subentendidos, incivilidades e tensões. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2023.

O texto dissertativo apresenta os resultados finais de pesquisa feita com estudantes de uma escola pública de ensino médio e o uso do *smartphone* com acesso à Internet dentro do universo escolar, tendo como objetivo compreender e analisar como eram os usos desta tecnologia no interior da escola e quais seus desdobramentos na relação entre os jovens e seus pares e os jovens e os adultos. Para o desenvolvimento da pesquisa, serviu-se aportes teóricos das áreas das Ciências Sociais e da Educação oferecidos por autores brasileiros e estrangeiros que contribuem à compreensão das relações dos regimes de interação entre integrantes das novas gerações e das gerações adultas, além daqueles que contribuem para a análise das novas tecnologias da informação (NTICs) no contexto atual. A pesquisa foi realizada em um estabelecimento de ensino público estadual de ensino médio, situado em município de porte médio do interior nordeste do estado de São Paulo, com economia sustentada pelo agronegócio e o setor de serviços. De abordagem qualitativa, a partir dos aportes teóricos das áreas científicas mencionadas, as atividades de campo se distribuíram entre levantamento bibliográfico de pesquisas realizadas com temáticas similares, a observação, o registro em caderno de campo, a organização e a realização de grupos de discussão com estudantes do 1º ano (16) e do 3º ano (22) do ensino médio. O texto apresenta e interpreta, portanto, os resultados construídos a partir dessas práticas de pesquisa, permitindo identificar e analisar como eles enfrentaram os desafios impostos pelas Leis do estado de São Paulo que proibiram o uso do telefone móvel no interior da sala de aula, seja antes, durante ou após o contexto pandêmico. Também foi possível compreender as formas como eles usavam, individual e coletivamente, os *smartphones* e a Internet na sala de aula a partir de práticas astuciosas nas relações com os pares ou com os docentes, gerando tensões e favorecendo a emergência de fofocas como modo de relação social e exercício de poder. Ainda, foi possível compreender relações que os alunos estabeleciam com os membros da geração adulta no mundo escolar pela medida do celular e da *Internet*, sendo possível identificar incivilidades e críticas à autoridade docente em perspectiva tradicional, mas sem a presença de conflitos.

Palavras-chave: Jovens. Estudantes do ensino médio. Interações sociais. *Smartphone*. Internet.

ABSTRACT

ALVES, G. W. F. M. **The use of the smartphone and the Internet in the territories of the school world by young high school students:** implied agreements, incivilities and tensions. Dissertation (Master degree in Education) – School of Philosophy, Sciences and Letters of Ribeirão Preto, University of São Paulo, presented in 2023.

The dissertation text presents the final results of research carried out with students from a public high school and their uses of smartphones with Internet access within the school universe, with the objective of understanding and analyzing how this technology was used within the school and what are its developments in the relationship between young people and their peers and young people and adults. For the development of the research, theoretical contributions were made from the areas of Social Sciences and Education offered by Brazilian and foreign authors who contribute to the understanding of the relations of the interaction regimes between members of the new generations and of the adult generations, in addition to those who contribute to the analysis of new information technologies (NICTs) in the current context. The research was carried out in a state public high school, located in a medium-sized municipality in the northeast interior of the state of São Paulo, with an economy supported by agribusiness and the service sector. With a qualitative approach, based on the theoretical contributions of the mentioned scientific areas, the field activities were distributed between bibliographic survey of research carried out with similar themes, observation, registration in a field notebook, organization and realization of discussion groups with 1st year (16) and 3rd year (22) high school students. The text presents and interprets, therefore, the results constructed from these research practices, which allowed identifying and analyzing how they faced the challenges imposed by the Laws of the State of São Paulo that prohibited the use of mobile phones inside the classroom, either before, during or after the pandemic context. It was also possible to understand the ways in which they used, individually and collectively, smartphones and the Internet in the classroom based on cunning practices in relationships with peers or with teachers, generating tensions and favoring the emergence of gossip as a form of relationship. society and exercise of power. It was still possible to understand the relationships they established with members of the adult generation in the school world by measuring cell phones and the Internet, making it possible to identify incivilities and criticisms of teaching authority from a traditional perspective, but without the presence of conflicts

Keywords: Young people. High school students. Social interactions. Smartphone. Internet.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Evolução do número de usuários ativos de Internet - Total da população (%) 2012-2022	19
Gráfico 2: Usuários de Internet – Total da População (%) - Área (urbana ou rural), sexo, cor, grau de instrução, faixa etária e classe	21
Gráfico 3: Uso da Internet nos últimos três meses (2021)	22
Gráfico 4: Dispositivos utilizados para acessar a Internet: Total de usuários de Internet de 9-17 Anos (%) (2012-2021)	23

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Domicílios com acesso à Internet no Brasil, segundo regiões geográficas, áreas de domicílio e classe socioeconômica das famílias moradoras dos domicílios, 2021.....	20
Tabela 2: Domicílios com acesso à Internet, por região e tipos de conexões usadas para o acesso à Internet, 2019-2021.....	20
Tabela 3: Usuários de Internet por dispositivo utilizado.....	23
Tabela 4: Dispositivos utilizados para acessar a Internet.....	24
Tabela 5: Crianças e Adolescentes por local de acesso à Internet.....	24
Tabela 6: Atividades realizadas na Internet.....	25
Tabela 7: Crianças e adolescentes, por redes sociais em que possuem perfil (2021).....	26
Tabela 8: Artigos acadêmicos por áreas de pesquisa	33
Tabela 9: Matrículas nas redes de ensino presentes no município em que se encontra a escola pública estadual que serviu de campo empírico à pesquisa, 2021	59
Tabela 10: Dados sociodemográficos dos estudantes do ensino médio público que colaboraram com a pesquisa, 2022	65

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	18
	2.1A pandemia do Covid-19 e as novas tecnologias da informação e comunicação.....	28
	2.2Conhecimento acadêmico produzido sobre juventudes, jovens, novas tecnologias da informação e comunicação e educação entre 2007-2020.....	29
3	JUVENTUDES, JOVENS, ESTUDANTES, NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: BREVES CONSIDERAÇÕES	34
	3.1Ser jovem no contexto contemporâneo permeado pelas novas tecnologias da informação (NTICs)	35
	3.2Da sociologia clássica à contemporânea: a socialização, a individuação, as interações, as sociabilidades e as novas tecnologias da informação e comunicação	36
	3.3Ser jovem, ser aluno e as novas tecnologias da informação e comunicação	41
	3.4Elementos de sociabilidades do não escolar no interior do mundo da educação escolar	45
	3.5 Procedimentos metodológicos adotados na pesquisa: observação, diário de campo e questionário sociodemográfico e grupo de discussão.	47
	3.5.1 Observação e registro de campo	49
	3.5.2 O grupo de discussão: algumas referências conceituais	52
	3.5.3 O grupo de discussão: planejamento, desenvolvimento e execução	54
4	ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO PÚBLICO, OS USOS DO SMARTPHONE E DA INTERNET E AS IMPLICAÇÕES PARA AS INTERAÇÕES SOCIAIS TECIDAS NO INTERIOR MUNDO ESCOLAR	57
	4.1Características do município em que se situa a escola pública que abrigou as atividades da pesquisa	57
	4.2Considerações sobre a unidade escolar pública estadual em que as atividades de campo foram desenvolvidas	59
	4.3Os estudantes do ensino médio público que contribuíram com a pesquisa	61
	4.4Dados e indícios construídos a partir dos grupos de discussão	66
	4.5O uso do telefone móvel e da Internet no interior do espaço escolar antes da pandemia	67
	4.6Usos do telefone móvel e da Internet no interior do espaço escolar e da sala de aula no pós-pandemia.....	70
	4.7Interações sociais e atividades escolares mediadas pelo telefone móvel e a Internet durante a pandemia da Covid-19.	79
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88
	APÊNDICE	94

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, quando pensamos em jovens, logo nos vêm à cabeça o telefone móvel, a *Internet* e as redes sociais e as sociabilidades que eles criam e estabelecem no espaço virtual. As juventudes, noção usada por Bourdieu (1983), Pais (1993), Novaes (1998), Carrano (2000), Castro & Abramovay (2002) e Abramo (2005) usam as novas tecnologias da informação e comunicação - as NTICs - caso principalmente do *smartphone*, para fazerem interações, se divertirem, fazerem amizades, combinarem encontros do fim de semana, mas também para estudarem. Alguns as usam também para fazer e pôr em circulação a fofoca (ELIAS, 2000), fazer zoeira, além do uso que eles fazem para desafiar, desacatar ou manter relações ambivalentes com as leis e normas estabelecidas pelos adultos para o uso do celular no convívio social, o qual se concretiza no espaço público, caso, por exemplo, do mundo escolar (PEREIRA, 2010).

Diante das novas gerações de estudantes brasileiros do ensino fundamental e médio que usam o telefone celular conectado à *Internet* nos espaços escolares, esta pesquisa teve como objetivo compreender os desdobramentos dos usos daquelas tecnologias por jovens estudantes nas interações e relações com os pares, assim como nas interações e relações que eles estabelecem como os representantes do mundo adulto da escola que frequentam cotidianamente, sejam eles professores, inspetores, coordenadores e diretores, entre outros.

O estudo proposto se justifica na área da pesquisa educacional visto que grande parte dos processos, das experiências e das práticas sociais no mundo contemporâneo é permeada pelas novas tecnologias digitais de comunicação.

Segundo Nascimento (2016), no livro *Digital Sociology: Critical Perspectives*, os organizadores defendem a ideia de que, na atualidade, a sociologia deve abordar temas como relacionamentos e comunidades digitais e virtuais; relação com o espaço; crescimento e disseminação da vigilância; desigualdade digital e o capitalismo da informação; o sistema de ensino, além do cuidado com a saúde. No nosso caso, as interações sociais decorrentes do uso das novas tecnologias da informação e comunicação (NTICs), caso do aparelho celular com acesso à *Internet*, o *smartphone*, destacam-se com objeto de análise e estudo.

Lupton (2015) constata também estas novas mudanças sociais e conseqüentemente a necessidade de novas formas de fazer pesquisas, utilizando uma prática sociológica digitalizada:

Eu argumentaria que a sociologia precisa fazer o estudo das tecnologias digitais central às suas atribuições. Todos os tópicos que os sociólogos agora pesquisam e ensinam estão inevitavelmente conectados às tecnologias digitais, quer eles se concentrem na sociologia da família, da ciência, da saúde e medicina, do conhecimento, da cultura, da economia, do emprego, da educação, do trabalho, do gênero, do risco, do envelhecimento, da raça e etnicidade. Estudar a sociedade digital é se concentrar em muitos aspectos que têm sido preocupações centrais para os sociólogos: individualidade, identidade, *embodiment*, as relações de poder e as desigualdades sociais, redes sociais, estruturas sociais, instituições sociais e teoria social (LUPTON, 2015, p. 8).

A presença destas tecnologias e de dados do ciberespaço é tão marcante na nossa sociedade que Nascimento (2016) afirma:

Ao passar em ambientes sociais monitorados por câmeras, ao ativar o GPS do seu *smartphone* e fornecer sua localização georreferenciada, ao fazer login em seu *email*, ao frequentar *websites*, ao clicar em “likes” de redes sociais e ao fazer buscas no Google, a todo momento fornecemos algum tipo de informação às empresas que regulam todas essas redes e aparelho (NASCIMENTO, 2016, p. 223).

Nota-se, desta maneira, a onipresença destas novas tecnologias digitais com produção de dados na nossa sociedade, influenciando e trazendo consequências nas relações sociais, nas formas de expressão cultural, no trabalho, na economia e até mesmo na produção científica. Portanto, devemos explorar este mundo e compreender o seu funcionamento.

Neste contexto tecnológico, digital, com milhares de dados, além da conexão via *Internet*, os sujeitos que mais usam e manipulam as novas tecnologias da informação e comunicação (NTICs), como já citado anteriormente, são os jovens. Inclusive, segundo Sales (2014), são os jovens aqueles que interagem o tempo todo com as tecnologias, orientando seu comportamento, suas condutas e até mesmo sua existência, sendo chamados, portanto, de nativos digitais. O celular, o aparelho tecnológico mais utilizado por eles, torna-se parte do seu corpo, tornando-os ciborgues, assim como definido por Haraway (2000).

Por fim, dados estatísticos da pesquisa *TIC Kids online* do Comitê Gestor para a Internet (CGIBR, 2021), aponta que nos últimos três meses do ano de 2021 o grupo que mais acessou a *Internet*, com 96%, foram os jovens com idade entre 15-17 anos. E 87%

dos usuários desta faixa (os de 15-17 anos) acessam mais de uma vez por dia a *Internet*, perante 86% dos usuários entre 13-14 anos, 77% entre 11-12 anos e 65% entre 9-10 anos.

Portanto, compreender como os jovens vivem este contexto tecnológico digital com uso do celular e acesso à *Internet* tem relevância, pois como já citado anteriormente, comportamentos, expressões culturais, a economia, a política de toda a sociedade são influenciados de alguma forma pelas novas tecnologias da informação e comunicação (NTICs).

A pesquisa realizada teve uma abordagem qualitativa na medida em que se voltou à compreensão de relações e interações sociais construídas num microcosmo social por estudantes do ensino médio, em uma unidade escolar localizada em centro urbano de pequena cidade do interior paulista. Para construir os dados e as informações e analisá-los à luz das referências teóricas escolhidas, como procedimentos metodológicos, usou-se a observação, o registro das observações em caderno de campo, e interlocuções com os sujeitos centrais da investigação em grupos de discussão. No caso do último procedimento, recorreu-se à Willis (1991), mas também Weller (2006), que avaliou que a prática do grupo de discussão é um procedimento que tem como objetivo analisar o meio social dos participantes, além das suas visões de mundo e representações coletivas, sendo ainda possível reconhecer, segundo Silvestre *et al* (2018) a cultura dos participantes, usos de vocabulário próprio, reflexões próprias dos participantes, correções de fatos distorcidos, além de proporcionar uma maior inserção do pesquisador no grupo. No caso da pesquisa, a visão dos jovens sobre o processo era o nosso interesse.

Na realização do grupo de discussão, dois grupos foram montados: um com estudantes do 1º ano do Ensino Médio, ingressantes nesta etapa da escolarização básica, e outro grupo com vinte e dois (22) estudantes do último ano do 3º Ano, da mesma etapa de ensino, em um total de 38 jovens estudantes.

As atividades de campo desta pesquisa como o grupo de discussão e também a observação e anotações no caderno de campo, ocorreram no interior de uma unidade escolar de Ensino Médio do interior do Estado de São Paulo, localizada em centro urbano de pequeno porte, na região nordeste do interior paulista cerca de 90 quilômetros de distância do município de Ribeirão Preto.

Dito isso, apresentados os sujeitos, os jovens, e o local da pesquisa, a escola, este texto foi dividido em três seções. Na primeira, abordamos dados de pesquisas

sociodemográficas às quais apontam as regiões do Brasil, as classes, tipos de aparelhos tecnológicos utilizados, as principais atividades praticadas e, principalmente, os atores da sociedade que mais utilizam o celular, os jovens. Também apresentamos resultados do conhecimento acadêmico sobre juventudes, jovens, novas tecnologias da informação e comunicação e educação entre 2007-2020.

Na segunda seção, abordamos as principais correntes teóricas que estudam a juventude e os jovens, incluindo os jovens estudantes, os processos de socialização, individuação, interações e sociabilidades, as novas tecnologias da informação e comunicação (NTICs), a sociologia escolar e, por fim, correntes que abordam métodos de pesquisa, no caso a qualitativa com uso do grupo de discussão. Somado a isso, ocorreu a descrição do campo em uma instituição escolar.

Na terceira seção, trazemos a apresentação e discussão dos dados. Ali algumas questões chamaram a nossa atenção, caso do uso do celular como forma de infração da norma e das regras estabelecidas, com os estudantes fazendo zoerias colando em provas, jogando ou fazendo qualquer outra atividade que não o estudar. Foi possível notar também a questão da fofoca, vista pelos próprios estudantes como forma de entretenimento, mas também, como detectados por nós, como forma de conflito. Por fim, também nos chamou a atenção o uso do celular como forma de interação entre os jovens e até mesmo com os adultos da escola, principalmente com uso de redes sociais e aplicativos de mensagens.

Nas considerações finais, fizemos um balanço da nossa pesquisa desde os seus primeiros momentos, passando pelas leituras teóricas, pelo início da pesquisa de campo, pela qualificação, desenvolvimento do grupo de discussão, transcrição dos diálogos, até a discussão dos dados e a elaboração do texto final da pesquisa. Vale lembrar que todo este processo teve seu transcorrer suspenso devido à pandemia do Corona Vírus (COVID-19), o que foi um desafio para nossa pesquisa.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

O mundo contemporâneo é marcado pela presença de várias mídias, desde a impressa até as eletrônicas, como o rádio, a televisão e a *Internet*. Se levarmos em consideração as condições socioeconômicas, histórico-demográficas e socioculturais dos integrantes das diferentes gerações, tem-se que eles podem acessar e se apropriar simultaneamente daquelas mediações informacionais, obtendo informações, saberes, conhecimentos, além de “valores, padrões, normas e comportamentos” (SETTON, 2013, p. 8).

Em conjunto com instituições do mundo moderno – família, escola, partidos políticos - e outros círculos sociais – de amigos, de vizinhança, de cultura, de lazer, as mídias e as novas tecnologias da informação e comunicação atuam como agentes socializadores e de mediação nas interações sociais que os membros das várias gerações etárias e socio-históricas estabelecem entre si (**Idib**).

Em 2022, ao se colocar em foco e analisar o número total de indivíduos que, por aparelhos eletrônicos e digitais, acessaram à *Internet* e dela fizeram algum uso, tem-se que segundo dados da pesquisa *Digital 2022: Global Overview Report*, conforme mostra o Gráfico 1 a seguir, aproximadamente 7.975¹ bilhões de pessoas, em torno 4.900 bilhões delas acessaram regularmente à *Internet*; deste subconjunto, 5.310 bilhões o fizeram apenas pelo telefone móvel, ou sejam 62.5% da população mundial. Os resultados da pesquisa apontam também que somente no ano passado 192 milhões de pessoas se tornaram usuários da *Internet*, um aumento de 4% em relação a 2021.²

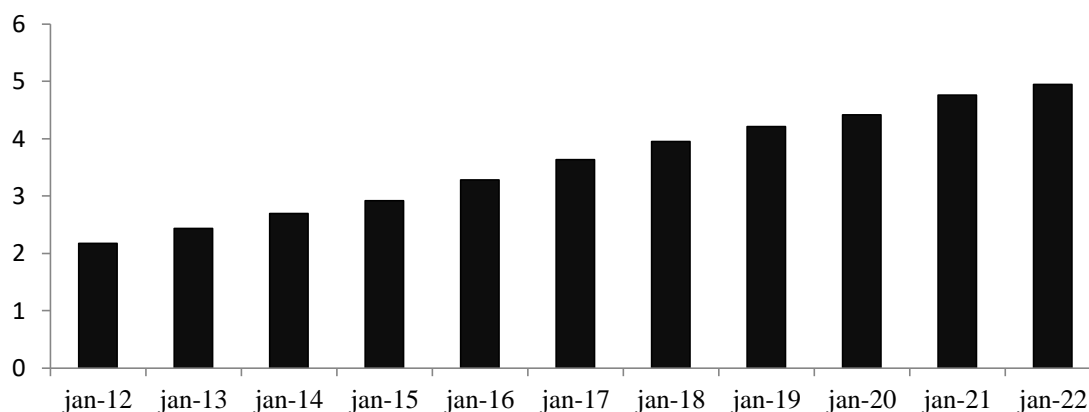
Os dados da *Digital 2022*, ainda indicaram que, mundialmente, nos últimos dez anos o número total de internautas dobrou e com isso a quantidade de pessoas “não conectadas” à *Internet* caiu pela primeira vez abaixo de 3 bilhões. Porém, apesar deste aumento substantivo de inclusão digital no mundo, somente na China havia mais de 400 milhões de indivíduos³ que não tinham acesso à *Internet*. Já no continente africano, são cerca de 840 milhões de pessoas que vivem *off-line*.

¹Disponível em: <https://www.populationpyramid.net/pt/mundo/2022/>. Acessado em fevereiro de 2023.

²Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2022-global-overview-report>. Acessado em fevereiro de 2023.

³ Os dados populacionais indicam que em 2022 a China contava com 1.425 bilhão habitantes. Disponível em: <https://www.populationpyramid.net/pt/popula%C3%A7%C3%A3o/2022/>. Acesso em fevereiro de 2023.

Gráfico 1: Evolução do número de usuários ativos de Internet - Total da população (%) 2012-2022



Fonte: Digital 2022: Global Overview Report. Adaptado pelo autor, 2023.

Já para o Brasil, os resultados da mesma pesquisa apontavam que, entre 2022 e 2023, o país contava com 181,8 milhões de indivíduos que acessavam a *Internet*, isto é, 84,3%⁴ do total de sua população, estimada em 216,422⁵ milhões de habitantes.

Ainda no caso brasileiro, em 2021, o Comitê Gestor para a *Internet* no Brasil (CGIBR, 2021) divulgou dados de um estudo que constataram que apesar de também ocorrer o aumento do acesso e do uso da *Internet* em um total 82% dos domicílios, estas expansões se deram em meio a reprodução de desigualdades regionais, de classe socioeconômica e de área de moradia (urbana ou rural) dos usuários da *Internet* por domicílio.

Segundo os resultados da Pesquisa TICs Domicílios do CGIBR (2021), a região Sudeste continuava a liderar o ranking com 84% do total de domicílios, seguida pelas regiões Centro-Oeste e Sul com 83%, Norte 79% e, por fim, o Nordeste com 77% de moradias, conforme se demonstra na Tabela 1 a seguir.

Quando se fala da área em que os domicílios estavam situados, a Urbana tinha 83% de moradias e a Rural tem 71% (esta, com um aumento de 20 pontos percentuais entre os anos de 2019 e 2021, conforme se demonstra também na Tabela 1). Por fim, quanto ao pertencimento de classe socioeconômica, os domicílios de famílias pertencentes a “classe A” tinham 99% de acesso à *Internet*, seguida pela “B” com 83%, a “C” com 41% e as classes “DE” com 10% de domicílios (Tabela1).

⁴Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2022-global-overview-report>. Acessado em fevereiro de 2023.

⁵Disponível em: <https://www.populationpyramid.net/pt/brasil/2023/>. Acessado em fevereiro de 2023.

Tabela 1: Domicílios com acesso à Internet no Brasil, segundo regiões geográficas, áreas de domicílio e classe socioeconômica das famílias moradoras dos domicílios, 2021

Categorias de acesso	(%)
Por regiões geográficas do domicílio	
Norte	79
Nordeste	77
Centro-Oeste	83
Sudeste	84
Sul	83
Por área de domicílio	
Total	82
Urbana	83
Rural	71
Por classe socioeconômica	
“A”	99
“B”	83
“C”	41
“D/E”	10

Fonte: CGIBr. *TIC Domicílios*, 2021. Adaptado pelo autor, 2023.

O aumento do acesso ao uso da *Internet* a partir dos domicílios no país aumentou, conforme mostra a Tabela 2, é possível perceber o aumento percentual em todas as regiões do Brasil, durante o período entre os anos de 2019 e 2021, chegando a um crescimento total de 9 pontos percentuais. A Tabela 2 também traz o tipo de conexão principal, ou seja, se era fibra ótica, rede móvel 3G ou 4G e mesmo outros tipos de conexões que os brasileiros usaram para acessar o sistema.

Tabela 2: Domicílios com acesso à Internet, por região e tipos de conexões usadas para o acesso à Internet, 2019-2021

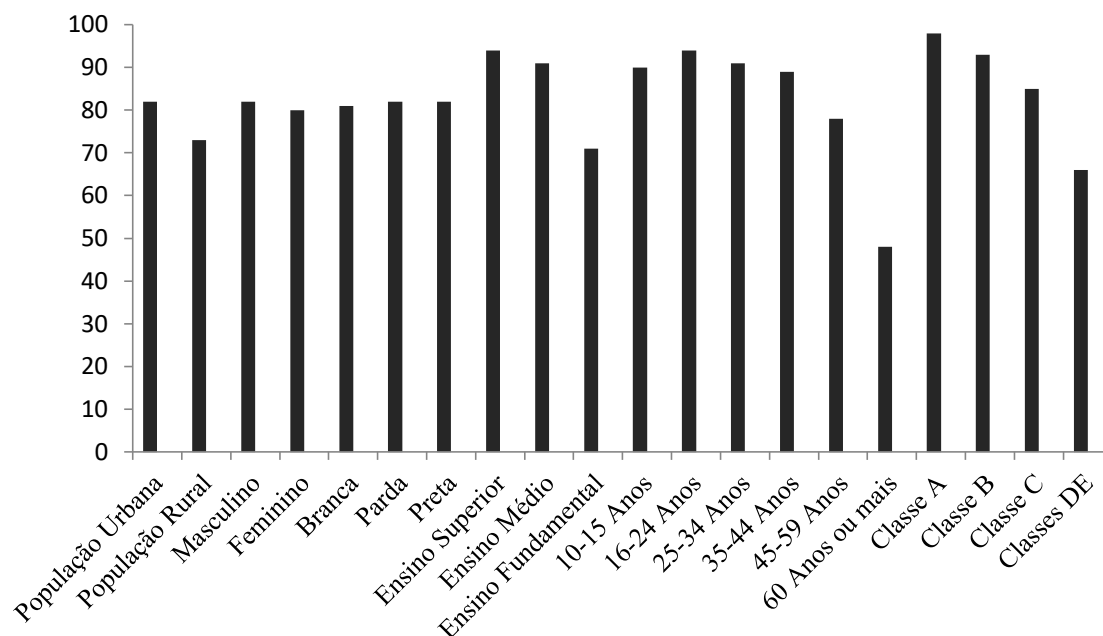
Regiões geográficas do País	Anos (%)		Tipos de conexões (%)			
	2019	2021	Fibra ótica ou cabo	Rede Móvel 3G/4G	Outros	Não respondeu
Norte	72	79	53	33	8	6
Nordeste	65	77	54	16	11	19
Centro-Oeste	70	83	68	18	10	10
Sudeste	75	84	62	17	10	10
Sul	73	83	73	11	9	8

Fonte: CGIBr. *TIC Domicílios*, 2021. Adaptada pelo autor, 2023.

Seguindo para outros resultados relevantes para esta pesquisa, no Gráfico 2 mostra-se que outras variáveis significativas em relação ao aumento do acesso e uso da

Internet no conjunto da população brasileira em 2021, tais como os dados de acesso a partir de recortes de sexo, cor da pele, grau de instrução, faixa etária e a classe social dos indivíduos.

Gráfico 2: Usuários de Internet – Total da População (%) - Área (urbana ou rural), sexo, cor, grau de instrução, faixa etária e classe



Fonte: CGiBr, *TIC Domicílios*, 2021. Adaptado pelo autor, 2023

Ao observarmos os dados contidos no Gráfico 2, nota-se que, existe um equilíbrio de acesso ente homens e mulheres, 82% e 80% respectivamente.

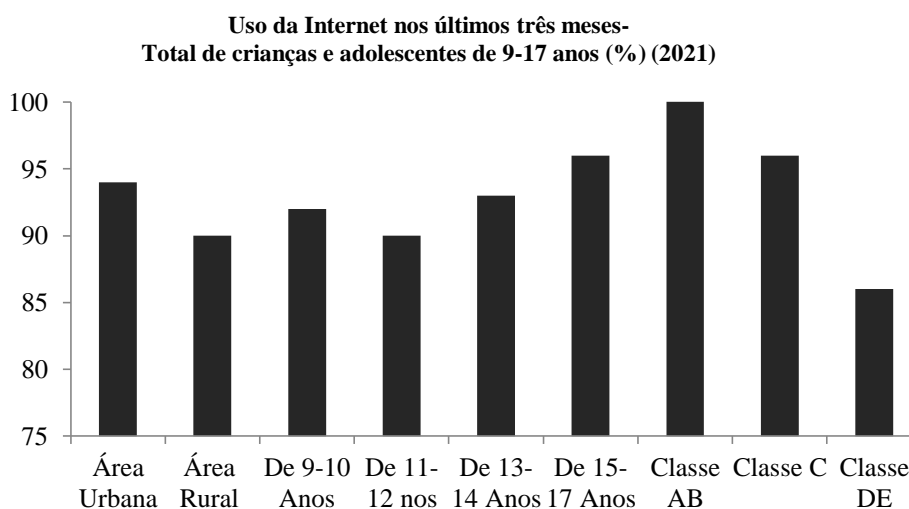
Em relação à escolaridade, ainda no mesmo gráfico, quanto maior a instrução maior também é o acesso à *Internet*, com 94% para o ensino superior frente aos 91% do ensino médio e 71% do ensino fundamental. Já os resultados por classe social apontam 98% de acesso na classe A, seguida por 93% na B, 85% na C e 66% na classe DE. E, por fim, os resultados em relação à faixa etária apontam que quem mais acessa a *Internet* é aquela faixa entre **15-24 anos, com 94% dos considerados jovens**⁶ (foco de análise da pesquisa em questão).

Ainda no destaque para a faixa etária, a pesquisa *TIC Kids online* do Comitê Gestor para a Internet (CGIBR, 2021), apresentou resultados dos últimos três meses do

⁶ O Estatuto da Criança e do Adolescentes (BRASIL, 1990) e o Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013) foram tomados como referências para definir as faixas etárias de crianças (até doze anos incompletos), adolescentes (entre doze e dezoito anos de idade) e jovens (entre quinze e vinte e nove anos). Assim, tomei a liberdade de definir jovens-adultos as pessoas que tem entre 30 e 34 anos.

ano de 2021 no qual o grupo que mais acessou a Internet, com 96%, é aquele entre 15-17 anos, os considerados jovens, como mostra o Gráfico 3 em seguida. Também é possível perceber que, ainda segundo o mesmo, mais de 12 milhões de crianças e adolescentes entre 9-17 anos residiam em domicílios com computador e *Internet*. Por fim, a região Sul do país, com 98% é a que tem o maior número de acesso entre crianças e adolescentes, assim como na classe AB, com 100% de acesso.

Gráfico 3: Uso da Internet nos últimos três meses (2021)



Fonte: CGIBr. *TIC Kids Online*, 2021. Adaptada pelo autor, 2023.

Mesmo considerando as assimetrias mencionadas, os resultados da pesquisa do CGIBR atestam que, do ponto de vista das idades dos usuários brasileiros da *Internet*, **adolescentes e jovens são aqueles que mais se conectam ao mundo virtual** e tem sido no interior desse conjunto que se constata os percentuais mais baixos dos que “nunca” acessaram e usaram as possibilidades contidas naquele território. Dados que reforçam a ideia de que, enquanto os integrantes das gerações infantis e juvenis são “nativos digitais”, os integrantes das gerações acima dos 60 anos poderiam ser considerados como “estrangeiros digitais”, vide os 48% como indicado no Gráfico 3 anteriormente.

Historicamente, a pesquisa do Comitê Gestor para a Internet (CGI, 2019) mostra que se no passado, anos 2.000, era o computador de mesa ou o *notebook* os mais utilizados, agora as novas pesquisas já apontam o celular como o dispositivo mais usado pela população brasileira para acessar e navegar na *Internet*. Em 2017, por exemplo, 96% dos usuários já utilizavam o celular e, em 2018 o número já pularia para 97%. Já

na última pesquisa, *TICs Domicílios* do (CGI, 2021), o número é de 99%, quase a totalidade dos usuários, conforme mostra a Tabela 3 seguir.

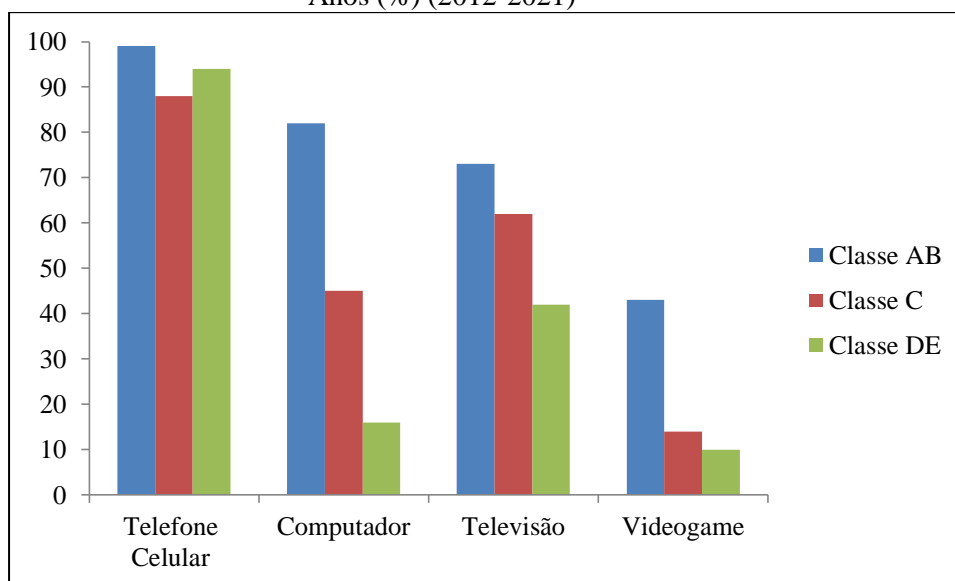
Tabela 3: Usuários de Internet por dispositivo utilizado

Dispositivo Utilizado	Usuários de Internet (%)							
	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Telefone Celular	76	89	93	96	97	99	99	99
Televisão	7	13	17	22	30	37	44	50
Computador	80	65	57	51	43	42	42	36

Fonte: CGIBR. *TIC Domicílios*, 2021. Adaptado pelo autor, 2023.

Outro ponto de destaque a respeito da mediação utilizada para o acesso e navegação, como demonstrado na Tabela 3, é a televisão que a partir de 2020 ultrapassou o computador e, em 2021, já tem 50% dos acessos perante 36%, respectivamente. E, se a análise ainda for em relação ao grupo que mais acessa por dispositivo, a pesquisa *TICs Kids Online 2021* (CGI, 2021) revelou que entre 9-17 anos, 93% dos usuários da *Internet* usam o celular, seguido da televisão 58%, computador 44% e o videogame 19%, como mostra a Gráfico 4 a seguir.

Gráfico 4: Dispositivos utilizados para acessar a Internet: Total de usuários de Internet de 9-17 Anos (%) (2012-2021)



Fonte: CGIBR. *Tic Kids Online*, 2021. Adaptada pelo autor

Outro ponto para se observar é o aparecimento de outros mediadores culturais para acesso à *Internet*, caso dos assistentes virtuais (Alexa e Google), dispositivos

vestíveis ou *smart* e brinquedos que se conectam à *Internet*, como se mostra na Tabela 4 a seguir. Vale ressaltar também que o uso da televisão para acesso à *Internet* aumentou em todas as classes sociais.

Tabela 4: Dispositivo utilizados para acessar a Internet

Outros Dispositivos	(%)
Assistente pessoal	12
Dispositivos vestíveis ou <i>smart</i>	11
Brinquedo que se conecta à Internet	6

Fonte: CGIBr. *TIC Kids Online*, 2021. Adaptada pelo autor, 2023.

Seguindo a análise para o local de acesso, Tabela 5, em um comparativo entre casa e escola, a pesquisa *TICs Kids Online 2021* (CGI, 2021) mostra resultados que o domicílio seguiu como o principal local de acesso à *Internet* para crianças e adolescentes, com total de 97% em casa em oposição a 39% da escola. O acesso na área urbana foi 98% enquanto que na área rural foi de 93%, perante 41% e 29% respectivamente na escola. Em relação às regiões do Brasil, Sudeste, Sul e Centro-Oeste com 99%, 99% e 97%, respectivamente, possuem maiores acessos em casa comparativos à escola com 47%, 52% e 36%, respectivamente. Por fim, analisando as classes sociais, o acesso à *Internet* em casa supera à escola tanto na AB, na C e mesmo na DE.

Tabela 5: Crianças e Adolescentes por local de acesso à Internet

Segmentação	Total de usuários de Internet de 9 a 17 anos (%)	
	Casa	Escola
Total	97	39
Área		
Urbana	98	41
Rural	93	23
Região		
Sudeste	99	47
Nordeste	95	29
Sul	97	52
Norte	93	20
Centro-Oeste	99	36
Classe Social		
AB	100	61
C	99	37
DE	92	26

Fonte: CGIBr. *TIC Kids Online*, 2021. Adaptada pelo autor, 2023.

No entanto, a pesquisa aponta que em comparativo ao ano de 2019 ocorreu a ampliação das possibilidades de acesso e de frequência de uso da rede para essa população. Em 2021, por exemplo, 39% dos usuários de 9 a 17 anos de idade acessaram à *Internet* na escola, com crescimento significativo nas áreas urbanas (41%, se comparado a 31% em 2019). Destaque para a região Sul com 52% de acesso à *Internet* pela escola, o maior em relação às outras regiões do país. Portanto, o acesso à *Internet* tanto em casa como na escola tem aumentado.

Dentro desta amostra que envolve crianças e adolescentes entre 9-17 anos, a pesquisa *TICs Domicílios* (CGI, 2021), aponta que as redes sociais são aquelas mais usadas na prática de atividades com um aumento de 10% de 2019 (68%) para 2021 (78%). Em seguida, outra atividade no ranking de maior uso é a prática de jogos on-line com conexão com outros jogadores saltando de 57% em 2019 para 66% em 2021. Posteriormente, têm-se os jogos on-line sem conexão com outros com 64%, logo depois baixar músicas e filmes com 48% e, por último, compras na *Internet* com 19%, conforme a Tabela 6 a seguir.

Tabela 6: Atividades realizadas na Internet

Tipo de Atividades	Total de usuários de Internet- 9 a 17 anos (%)	
	2019	2021
Usou redes sociais	68	78
Jogou on-line, conectado com outros jogadores	57	66
Jogou on-line, não conectado com outros jogadores	55	64
Baixou músicas ou filmes	59	48
Realizou compras pela Internet	9	19

Fonte: CGIBr. *TIC Domicílios*, 2021. Adaptada pelo autor, 2023.

Para reforçar os dados acima, a pesquisa *TICs Domicílios* (CGI, 2021), ainda traz mais resultados que apontam que 93% dos usuários mandaram mensagens instantâneas, 82% fizeram chamada de voz ou vídeo, 81% com usaram as redes sociais, com aumento de 5 pontos percentuais de 2019 para 2021, seguidos por 73% assistindo vídeos, programas e séries, 73% ouvindo música, 54 % lendo jornais, revistas ou notícias, seguido por busca de informação sobre saúde 50% e transações financeiras 46%.

Ao aprofundar no uso das redes sociais, a pesquisa *TICs Domicílios* (CGI, 2021) mostra que 88% dos usuários de Internet entre 9-17 anos possuem **perfil em redes**

sociais. O *Whatsapp* é o mais usado por 80 %, seguido do *Instragram* com 62%, *TikTok* 58%. Já o *Facebook* e o *Snapchat* tiveram um decréscimo entre os anos de 2019 e 2021, com 51% e 12%, respectivamente. O *Twitter*, por último, teve aumento de 1%. E na faixa etária entre 15-17 anos, aquela que envolve alunos do Ensino Médio (alvo desta pesquisa), o *Instragram* é a **principal rede social** mais utilizada com 52%.

Por fim, os dados contidos na Tabela 7, provenientes da pesquisa TICs Kids Online 2021 (CGI, 2021) reforçam os resultados mencionados anteriormente, com destaque para jovens e adolescente na faixa dos 15 aos 17 anos como os maiores acessos, com 93% no *Whatsapp*, seguido pelo *Instagram* com 85%, *Facebook* com 72% e *TikTok* com 60% quando se trata de **rede social que possuem perfil**.

Tabela 7: Crianças e adolescentes, por redes sociais em que possuem perfil (2021)

Tipo de Rede Social	Total de usuários de Internet de 9 a 17 anos (%)						
	WhatsApp	Instagram	TikTok	Facebook	Twitter	Snapchat	Outra
Total	80	62	58	51	17	12	9
Faixa Etária							
De 9 a 10 anos	54	23	42	18	2	5	9
De 11 a 12 anos	76	50	66	41	7	8	6
De 13 a 14 anos	86	75	63	59	24	10	7
De 15 a 17 anos	93	85	60	72	27	19	12
Classe Social							
AB	90	74	69	44	34	17	15
C	79	59	57	51	14	11	10
DE	74	60	52	56	9	9	4

Fonte: CGIBr. *TIC Kids Online*, 2021. Adaptada pelo autor, 2023.

Por fim, além de dados que mostram o crescimento no acesso à *Internet* tanto no mundo como no Brasil, dados que mostram qual a ferramenta mais utilizada, no caso o celular/*smartphone*, a faixa etária que mais acessa à rede e os tipos de uso que faz como, por exemplo, quais aplicativos ou redes sociais mais utilizadas, além das atividades mais praticadas, é preciso falar da frequência de uso. O histórico da pesquisa *TIC Kids Online* (CGI, 2021) revela o crescimento na frequência de uso da *Internet* por crianças e adolescentes no país e dentre os usuários investigados, 80% reportaram ter acessado a rede mais de uma vez por dia. Até mesmo indivíduos de contextos socioeconômicos mais vulneráveis foram também os que acessaram a rede em menor frequência. As proporções, como já citado anteriormente, foram superiores para áreas urbanas (81%,

comparado a 73% em áreas rurais) e indivíduos das classes AB (94%, comparado a 77% na classe C e 74% nas classes DE).

E para reforçar ainda mais o que já foi explanado na pesquisa, anteriormente citada, usuários de faixas etárias mais elevadas reportaram utilizar a rede com maior frequência do que os mais novos. Em 2021, por exemplo, 87% dos usuários de 15 a 17 anos acessaram a rede mais de uma vez por dia, proporções que foram de 86% para usuários de 13 a 14 anos, 77% entre os de 11 a 12 anos e, 65%, de 9 a 10 anos.

Os indicadores apresentados até o momento demonstram que atualmente crianças, adolescentes e jovens brasileiros situados em diferentes localidades, **ainda que em meio a diferenças e desigualdades** múltiplas são os que mais usam as tecnologias da informação e comunicação, especialmente o telefone móvel. São eles também os que mais se conectam e usam o espaço cultural da *Internet* com vários propósitos, como a socialização, busca de conhecimentos e informações, produção e consumo de produtos culturais, para ampliação e diversificação do círculo de sociabilidade com os pares ou com integrantes de outras gerações e como forma de lazer ou para encontrar respostas às determinadas responsabilidades que lhes são impostas pelo mundo adulto *etc.*

Neste contexto de profundas alterações globais e locais no plano das comunicações, no acesso e uso de informações e saberes, eles produzem novas relações com o tempo, pois transportam com eles os meios para se inserirem simultaneamente em diferentes espaços e tempos, e estabelecem relações com integrantes de diferentes círculos sociais e culturais.

Foi a partir das constatações acima que Almeida *et al.* (2017) defenderam as ideias de que:

a intensificação e a extensão da presença e do uso das novas tecnologias da comunicação e informação na contemporaneidade têm configurado o que alguns teóricos denominam como ‘novo estado da cultura’, o qual é ‘caracterizado, sobretudo por uma ampliação dos lugares em que nos informamos, em que de alguma forma aprendemos a viver, a sentir e a pensar sobre nós mesmos. (ALMEIDA *et al.*, 2012, p. 14)

E quanto às relações que os mais novos estabelecem com as TICs e o espaço virtual da *Internet*, os pesquisadores chamaram a atenção para o fato de que são as gerações jovens que:

cada vez mais lançam mão da rede mundial de computadores para ampliar e consolidar relacionamentos, para fruição, consumo e resignificação de produtos culturais, gerando a construção de sentidos estéticos e processos de identificação cultural. (...) Os jovens podem ser considerados sujeitos, atores e ícones nesse processo. São eles que interagem crescentemente com as tecnologias e, nessa mistura, se produzem, orientam seu comportamento, conduzem a própria existência. (ALMEIDA *et al.*, 2012, p. 14)

Mesmo que crianças e adolescentes brasileiros se deparem com dificuldades para se conectarem e usarem as possibilidades socializadoras e interacionais no mundo virtual, no interior das escolas que frequentam – de ensino fundamental ou médio, o fato é que muitos são portadores de dispositivos móveis com aplicativos que permitem o vínculo imediato e real entre eles, mediados pela *Internet* e suas diferentes e variadas possibilidades de conectividade, fazendo com que crianças, adolescentes e jovens estejam portando e usando o celular todos os dias e em qualquer lugar (BATISTA, 2017).

2.1 A pandemia do Covid-19 e as novas tecnologias da informação e comunicação

O contexto pandêmico também alterou o uso das novas tecnologias da informação e comunicação. A Pesquisa *TIC Kids Online* (CGI, 2021) trouxe dados importantes sobre o tema, caso de aplicações como o *WhatsApp* que possibilitaram a troca de mensagens instantâneas de textos, áudio, imagens e vídeos, além da realização de ligações de voz ou vídeo e do envio de documentos, planilhas e apresentações de slides. Tanto é que o uso de aplicativos de mensagens instantâneas foi um dos recursos adotados para comunicação entre professores, alunos e familiares durante o período de distanciamento social em decorrência da pandemia COVID-19, fator que pode ter impulsionado o crescimento da posse de contas entre crianças e adolescentes nos últimos anos.

Segundo a pesquisa, entre todas as classes socioeconômicas e faixas etárias investigadas, o *WhatsApp* foi a plataforma multimídia em que crianças e adolescentes mais acessaram. A posse de uma conta na plataforma foi de 80% em 2021, comparada a 70% em 2018, entre usuários de *Internet* de 9 a 17 anos. No mesmo período, também houve crescimento, como já citado anteriormente, significativo na área rural (de 62%

para 78%), nas faixas etárias de 11 a 12 anos (de 58% para 76%) e de 15 a 17 anos (de 85% para 93%) e nas classes DE (de 63% para 74%).

Para corroborar ainda mais, a pesquisa TIC Educação 2020 (CGI.br, 2021), apontou que 91% dos gestores escolares mencionaram a criação de grupos em aplicativos ou redes sociais, como *WhatsApp* ou *Facebook*, para se comunicarem com os alunos ou pais e responsáveis, sendo estes recursos as principais. O mesmo percentual 91%, mas nesse caso de docentes, também evidenciou que aplicativos de mensagem instantânea, como *WhatsApp e Telegram*, foram utilizados para esclarecer dúvidas dos alunos sobre os conteúdos e as atividades educacionais durante o período de implementação de ensino remoto emergencial – percentual que apresentou maiores proporções entre os professores que lecionavam em escolas públicas (94%) do que entre escolas particulares (76%).

Portanto, deve-se considerar este contexto social ou mesmo esta intercorrência surgida no contexto desta pesquisa. Os dados reforçam a ideia já apresentada de que as novas tecnologias da informação e comunicação, mesmo com situações adversas de acessibilidade e acesso à rede de *Internet*, são ferramentas utilizadas pela maioria das pessoas tanto no Brasil como no mundo e principalmente entre crianças, jovens e adolescentes, estes últimos com os maiores percentuais de uso.

2.2 Conhecimento acadêmico produzido sobre juventudes, jovens, novas tecnologias da informação e comunicação e educação entre 2007-2020

Os resultados da pesquisa realizada pelo Digital Global Overview Report (2022) e dos estudos efetivados pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (2021b; 2021b; 2021c) sobre o acesso uso da *Internet* e das novas tecnologias da informação e da comunicação, em escalas global, nacional e regional, por representantes das gerações adultas e das jovens gerações, contribuem para justificar e dar sustentação empírica a proposta da minha investigação, pois os dados construídos pelas pesquisas acima demonstram a centralidade que tem as NTICs, a *Internet*, o telefone móvel e as redes sociais nas vivências cotidianas de jovens e estudantes brasileiros, mesmo considerando as grandes desigualdades socioeconômicas, socioespaciais e regionais que marcam as suas vivências cotidianas.

Contribuem ainda para justificar a pertinência da pesquisa que dá sustentação a esta dissertação, os resultados construídos por uma investigação científica, na qual pude

participar e contribuir nas atividades de campo, intitulada *O campo de estudos de juventude no Brasil e suas interfaces com a educação e o trabalho: balanço e perspectivas da produção acadêmica - 2007-2016* (CORROCHANO, 2016; 2021). Este estado do conhecimento teve por autora e coordenação a Professora Doutora Maria Carla Corrochano, docente-pesquisadora da Universidade Federal de São Carlos-campus Sorocaba, e envolveu e contou com a atuação de pesquisadores-docentes e discentes vinculados a um conjunto diversificado de universidades públicas brasileiras⁷.

Proposta como estudo do tipo estado da arte, inicialmente, o seu objetivo foi o de levantar a produção intelectual divulgada por trabalhos pós-graduados e artigos acadêmicos, que recobrissem as relações da juventude com os universos da educação e do trabalho. Originalmente, a proposta visou levantar e analisar a produção acadêmica divulgada entre 2007 e 2016, contudo, tendo em vista a ocorrência do Covid-19 e a prorrogação do projeto pelo CNPq, a equipe se dedicou ao levantamento de trabalhos divulgados até 2020, ou seja, o “novo período passou a contemplar treze anos de produção acadêmica sobre juventude no Brasil” (CORROCHANO, 2021, p. 3).

A nova proposta de estudo dialogou com as perspectivas aos resultados de trabalhos anteriores do mesmo tipo, voltados às produções pós-graduadas sobre a juventude e os jovens no Brasil (SPOSITO, 2002; SPOSITO, 2009), e o:

novo balanço da produção acadêmica de conhecimento sobre as temáticas do projeto foi [realizado] a partir de duas estratégias: levantamento da produção disseminada em periódicos científicos brasileiros qualificados como A1, A2, B1 e B2 no período de 2007 a 2020, contemplando publicações brasileiras das áreas de Educação, Ciências Sociais e Serviço Social; levantamento de teses e dissertações na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, em suas interfaces com a educação e o mundo do trabalho (CORROCHANO, 2021, pp. 3-4).

Como a equipe do projeto contou a participação de pesquisadores (docentes e discentes) das áreas das Ciências Humanas, das Ciências Sociais e das Ciências Sociais

⁷Realizada entre 2017 e 2021, a pesquisa desenvolvida envolveu o trabalho coletivo de pesquisadores-docentes e discentes do ensino de graduação e de pós-graduação pertencentes às seguintes instituições: Universidade Federal de São Carlos-campus Sorocaba, Universidade de São Paulo – campi Butantã e Ribeirão Preto, Universidade Federal do Amazonas, Universidade Federal de Goiás, Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade de Brasília (CORROCHANO, 2016; 2021). Entre 2017 e 2020, da USP-campus Ribeirão Preto- participaram e contribuíram com as atividades de campo da pesquisa o Professor Doutor Elmir de Almeida e os estudantes-orientandos de mestrado e doutorado Dilson Rufino da Silva, Edmar Lucas Leone, Guilherme Wilson F. M. Alves, Lucas Alexandre Pires e estudante-orientanda de iniciação científica Ruth Elisabeth Vera Martinez.

Aplicadas, o coletivo acordou que o novo levantamento deveria alcançar “não apenas as temáticas da juventude, educação e trabalho, mas também (...) os temas da juventude e tecnologias de informação e comunicação e juventude e ação coletiva” (CORROCHANO, 2021, p. 11)⁸.

Ao discorrer sobre os levantamentos das produções acadêmicas realizadas no período e áreas científicas citadas, Corrochano (2021) observou que as atividades de campo permitiram identificar e incluir na base de dados do Projeto⁹ 2.277 artigos publicados em periódicos nacionais¹⁰. No desenvolvimento de meu estudo, pude acessar e me beneficiar do conjunto de 126 artigos elaborados sobre as relações entre “Juventude e Novas Tecnologias da Informação e Comunicação”¹¹ (CORROCHANO, 2021, p. 12). Ao analisarem especificamente este subconjunto de artigos, Melo e Borges (2023) chamaram a atenção para alguns fatos que contribuíram para a produção do conhecimento sobre aquele tema:

publicados durante o período de 2007 a 2020, perfazendo, portanto, treze anos de produção sobre o tema no recorte escolhido, este *corpus* testemunha o surgimento de três importantes eventos digitais: o advento da web 2.0 (2004), a criação da primeira rede social digital – o Orkut (2004) – e a **chegada ao Brasil dos smartphones** (2009). A presença dessas novas possibilidades populariza a interação, a

⁸Para acolher e dispor ao público mais amplo os trabalhos publicados no período de 2007-2020, levantado e analisado pela equipe do Projeto, foi construído um “Repositório Digital. (...) Por meio dele, a base de artigos pode ser alimentada de maneira coletiva por pesquisadores/as localizados em diferentes regiões e instituições. (...) Uma visão geral da coleção de artigos científicos criada pelos pesquisadores e pesquisadoras, (...) pode ser encontrada no link: <http://www.pesquisajuventude.ufscar.br/colecao/tainacan-colecoes/> (CORROCHANO, 2021, p. 5).

⁹Em relação as buscas e levantamento de dissertações e teses na base do **Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT, para o período 2007-2020, sob os temas juventude, educação e trabalho, Corrochano (2021, p. 3 e p. 52) registrou que foram identificadas 30.000 dissertações e teses, diante do grande volume de produções, e diante** da “dificuldade em trabalhar com um montante tão significativo, a equipe de pesquisa decidiu restringir as palavras chave e realizar a busca apenas nas teses, excluindo as dissertações. Foram realizadas três buscas, como os seguintes descritores, na perspectiva de melhor circunscrever a temática: 1) Juventude ou Jovens ou Adolescência ou Adolescente, cujo universo restringiu-se a 5.500 trabalhos 2) Juventude ou Jovem/s ou Adolescência ou Adolescentes and Trabalho and Escola, cujo universo restringiu-se a 143 trabalhos 3) Juventude ou Jovens ou Adolescente ou Adolecencia and Trabalho ou Emprego ou Desemprego ou Mercado de Trabalho ou Empreendedorismo ou Economia Solidária ou Cooperativismo, cujo universo alcançou 1.276 trabalhos”.

¹⁰ “Artigos publicados no período considerado (2007-2020), elaborados por 3.870 pesquisadores divididos entre autores e coautores e concentrados em 219 periódicos. Os artigos dividiram-se em 22 temáticas diferentes” (CORROCHANO, 2021, pp. 11-12 e p. 52).

¹¹ Sobre este tema foram incluídos artigos em que o(s) autor(es) analisaram “a relação dos jovens com a mídia (‘todo aparato material e simbólico relativo à produção e veiculação de mercadorias de caráter cultural’), tais como livros, CDs, vídeos, computadores, revistas em quadrinhos, espaços virtuais. Artigos focalizando relação dos jovens com **tecnologia eletrônica ou digital**. Estudos sobre relação dos jovens com ‘velhas’ e ‘novas’ tecnologias, **Tecnologias de Informação e Comunicação**, Representação dos jovens pelas mídias, dentre outros (CORROCHANO, 2021, p. 12, grifos meus).

produção, a publicação e a distribuição de conteúdo dos usuários pelas redes digitais (MELO; BORGES, 2023, p. 4)¹².

Do conjunto total de artigos sobre o tema juventude e comunicação e novas tecnologias de informação e comunicação, “61 foram publicados em revistas da área de educação, [1] de ciência política, [4] de sociologia, [2] de antropologia, em um total de 69 artigos”, como mostra a Tabela 8 a seguir. Tendo em vista que mais de 90% dos artigos eram provenientes da área da Educação – não escolar, Melo e Barros (2023) construíram subtemas associados a esta área, de forma a reagrupá-los e analisá-los. De acordo com as pesquisadoras, a produção foi quantitativa e qualitativamente analisada considerando as seguintes “categorias”:

a) educação *pelos* meios de comunicação, b) educação *para* os meios de comunicação, c) representação e autorrepresentação das juventudes, d) **utilização das tecnologias de informação e comunicação (TICs) como recursos pedagógicos**, e) redes sociais digitais. Essas categorias se entrecruzam e trazem diferentes temas de pesquisa, os quais procuramos também registrar de tal modo que a análise pudesse visibilizar a tradução acadêmica dessa temporalidade em que as **tecnologias digitais tiveram grande impulso** (MELO; BORGES, 2023, pp.4-5, grifos meus).

No caso do subtema das relações dos jovens com as TICs, de interesse direto com minha pesquisa, três possibilidades de indagações se sobressaem: como elas favorecem a educação escolar, e como elas podem servir de “ferramentas” didático-pedagógicas que diversificam e potencializam as relações de ensino-aprendizagem em sala de aula na educação básica ou na educação superior; outra tendência é aquela que indaga sobre como as TICs podem favorecer os processos e práticas de formação de docentes e garantir o acesso e domínio das TICs. Segundo as autoras,

dos 43 artigos que trazem à tela o estudo das TICs como ferramentas pedagógicas. Neles estão apontadas preocupações com o currículo escolar, experimentações com ferramentas oferecidas por desenvolvedores, realidades de inclusão digital e formação de professores (MELO; BORGES, 2023, p. 13).

¹²Uma versão preliminar do trabalho de Teresa Mary Pires de Castro Melo e Fernanda Ikedo Borges (2023), foi incorporada ao Relatório Final do Projeto, encaminhado ao CNPq (CORROCHANO, 2021, pp. 98-112). Tive a oportunidade de ler as duas versões do artigo, e fiz a opção por referenciá-lo pela versão publicada em 2023.

A recuperação da experiência de participação que tive na equipe que realizou a recente pesquisa do estado da arte dos estudos de juventude, assim como a apreensão e leitura dos resultados construídos pela pesquisa sobre o tema das relações entre a juventude, educação e as NTICs (CORROCHANO, 2016; 2021; MELO; BORGES, 2023) me permitem demonstrar a relevância da pesquisa que me propus a realizar no curso de mestrado da FFCLRP-USP, pois, embora meu estudo tenha focalizado as relações que os estudantes do ensino médio estabelecem com seus pares e seus educadores no interior do mundo escolar, tendo por mediações as NTICs, meu objetivo central não foi o de considerá-las como instrumento didático-pedagógico ou novos espaços para a diversificação e adensamento dos processos de ensino-aprendizagem em sala de aula. Minha preocupação central foi a de apreender e compreender as decorrências para as interações sociais cotidianas dos jovens estudantes do ensino médio no mundo escolar, quando eles lançam e utilizam de mediações como o *smartphone* e a *Internet*.

Na próxima seção, a partir dos resultados dos estudos até agora referenciados e de contribuições da Sociologia que se volta à juventude e à educação, discorro sobre algumas possibilidades de se compreender conceitualmente a juventude, os jovens e os jovens-estudantes, tomados como sujeitos centrais de meu estudo.

Tabela 8: Artigos acadêmicos por áreas de pesquisa

Áreas	Número de Artigos	Qualis A1	Qualis A2	Qualis B1	Qualis B2
Educação	61	25	12	11	10
Ciência Política	1	-	-	-	-
Sociologia	4	-	1	3	-
Ciências Sociais Aplicadas	1	-	-	1	-
Antropologia	2	1	-	-	1

Fonte: Do autor, 2023.

3 JUVENTUDES, JOVENS, ESTUDANTES, NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: BREVES CONSIDERAÇÕES

Para esta pesquisa usamos a abordagem que trata a juventude no plural, ou seja, juventudes, e não juventude no singular. Por isso vários autores que discutem esta temática serão retomados, como Bourdieu (1983), Pais (1993), Margulis e Urresti (1996), Dayrell e Carrano (2014), Júnior e Bungenstab (2018), dentre outros.

Já ao apresentar e discutir o tema, uma série de autores abordados pelo relatório IBASE POLIS, como Novaes (1998), Carrano (2000), Castro & Abramovay (2002) e Abramo (2005), marcam o devido uso da expressão “juventudes”, pois os jovens, segundo eles, vivem uma realidade plural e multifacetada, com seu gênero, cor da pele, classes, moradia, cotidianos e projetos futuros, evitando-se generalizações e simplificações. Ainda, evidenciamos Silva (2015) que, ao analisar os estudos bibliográficos sobre juventude, afirma que ela não é homogênea, pois origem social, gênero, renda e cultura são marcadores que possibilitam afirmar a existência não de uma juventude, no singular, mas de juventudes no plural.

E reforçando ainda mais esta ideia, consideramos também Júnior e Bungenstab (2018), que ao dialogarem com vários autores, apontam a juventude como uma categoria social, cultural e histórica, influenciada, mas também influenciando na sociedade. Outro autor que pode nos auxiliar nesta discussão é Pais (1993) que, ao romper com as abordagens geracionistas e classicistas, defende a ideia de que as juventudes (no plural) são pautadas pelo princípio da experiência compartilhada em grupo, com reconhecimento da individualidade do sujeito e de sua coletividade. Portanto, notam-se juventudes permeadas por suas condições e suas experiências.

Podemos afirmar, portanto que a juventude ganha contornos próprios em contextos históricos, sociais e culturais distintos. As condições sociais como a origem de classe, cor da pele, diversidade cultural, sejam elas culturais, religiosas e os valores familiares, diversidade de gênero, como a heterossexualidade, homossexualidade, transexualidade, além das diferenças territoriais, articulam-se para a constituição de diversos modos de viver a juventude (DAYRELL, CARRANO, 2014).

Margulis e Urresti (1996) nos ajudam a abrir o campo de análise ao defenderem a superação da análise sobre juventude como uma categoria ou idade biológica, para juventude como uma condição histórica e cultural, trazendo, portanto, outras dimensões,

variáveis e modalidades menos homogeneizantes e menos pobres. Inclusive ao falar de moratória e classes sociais, os autores defendem que os jovens das classes populares não vivem o tempo da moratória, “o vir a ser”, como jovens das classes superiores, mas partem para outros condicionantes como casamento precoce, formação da família e o emprego que muitas vezes é menos atraente e mais difícil.

Essa juventude no plural da qual tratamos e que é uma construção histórica, também tem seu processo de entrada, caso da adolescência e nela, como afirmam Dayrell e Carrano (2014), há marcadores/transformações biológicas, psicológicas e inserção social. Já o processo de saída, como a entrada na vida adulta, não é tão bem definido, inclusive, segundo os mesmos autores, existem aqueles que vivem uma “eterna juventude”. Dito isso, a juventude não tem uma etapa final determinada, menos ainda devemos entendê-la como um momento de preparação, o vir a ser, uma fase da vida como momento de passagem para a entrada da vida adulta.

Esta nossa abordagem, portanto, é oposta aos autores que tratam a juventude de forma homogênea, de forma etária, classicista, pois como nos lembra De Sousa (2014, p.62): “a juventude não pode ser olhada apenas na sua aparente unidade, mas é preciso considerar também a sua diversidade”. Mas, além disso, também opomos a uma corrente sociológica que via a juventude como prática desviante, como não integrante à sociedade e que resiste à socialização, desviando do padrão normativo (REGUILLO, 2007).

Para seguirmos, foi preciso falar do sujeito que vive as juventudes, seus processos de socialização, individuação, suas experiências, suas sociabilidades e seus processos de interação, nesse caso, o jovem, objeto de nosso próximo tópico.

3.1 Ser jovem no contexto contemporâneo permeado pelas novas tecnologias da informação (NTICs)

Para esta nossa próxima discussão, vários autores como Dubet (1994), Martuccelli, (2007), Castells (2000), Lévy (1999), Sposito (2003), Wautier (2003), Setton (2009), dentre outros, também foram resgatados por nós, principalmente no que se refere àquela Sociologia que aborda o processo de socialização, o processo de individuação, as experiências juvenis, os processos de sociabilidade e os processos de interação. Mas também, durante todo este momento de discussão e reflexão, as novas

tecnologias da informação e comunicação (NTICs) foram anunciadas, pontuadas e conceituadas, pois na nossa visão elas perpassam todos estes conceitos.

3.2 Da sociologia clássica à contemporânea: a socialização, a individuação, as interações, as sociabilidades e as novas tecnologias da informação e comunicação

Para compararmos momentos de pesquisa sociológica e apresentarmos nossa escolha, iniciamos com o resgate da Sociologia Clássica. Sociologia que apresenta o indivíduo como aquele que interioriza as normas sociais dadas pela sociedade por meio de “programas” impostos pelas instituições tradicionais como a família, a escola, a igreja e o próprio Estado. Nesse sentido, o ator individual era definido pela interiorização do social, sendo submetido a um rígido controle, visando a coesão do sistema. Ator e sistema não se separavam (DUBET, 1994). Aqui podemos evidenciar a socialização primária, assim como a secundária.

Porém, atualmente, existe uma multiplicidade de abordagens e tentativas de interpretações sociológicas sobre o indivíduo que o compreende como autônomo, senhor de seus projetos, recebendo, mas também propondo novas formas de relacionar-se com o outro – individual ou coletivo (DUBET, 1994; WAUTIER, 2003; MARTUCCELLI, 2007; SETTON, 2009).

O indivíduo agora, a partir do olhar destas novas abordagens, não está totalmente socializado. Ele é um ator que constrói a sua experiência, a partir da combinação de várias lógicas sociais de ação – da integração, do conflito e da subjetivação (DUBET, 1994). Assim, percebe-se que não existe um único centro irradiador e conseqüentemente, a experiência não está fora do indivíduo, mas é fruto de sua ação, de suas interações e relações, como ator. (idib).

A experiência social que o indivíduo constrói, para Dubet (1994), é formada por várias lógicas. É a experiência que dá sentido às práticas sociais, construídas no meio desta heterogeneidade. A identidade, por exemplo, não é determinada apenas pelas instituições, mas é um fazer, um trabalho, uma experiência do próprio indivíduo. Os atores não mais representam papéis, eles, com relativamente independência e autonomia em relação ao sistema, participam dos processos de construção de sua subjetividade. Portanto, a experiência é, simultaneamente, subjetiva e cognitiva (WAUTIER, 2003).

Para reforçar estas novas abordagens, os autores da teoria social contemporânea, por exemplo, defendem a visão de que as condições sociais da atualidade são mais complexas e que a condição de classe social e sua posição por parte dos indivíduos já não os definem em sua totalidade (MARTUCCELLI, 2007). As classes sociais, por exemplo, já não conseguem mais ser aglutinadores que explicam a sociedade, assim como o trabalho, pois ele também já não seria mais um fator quase que exclusivo de integração social. Além disso, os valores comuns e as identidades não mais garantiriam princípios de integração e continuidade no percurso da vida (WAUTIER, 2003).

Dito isso, um novo fator que passa a compor estes novos processos de socialização e de experiência social é o uso das novas tecnologias da informação e comunicação (NTICs). E para esse debate trazemos Setton (2009) e a questão do *habitus*. Ela mostra a diferença entre autores e propõe a sua ideia de *habitus*. Começa por exemplo, com Pierre Bourdieu que defendeu a ideia de *habitus*, processo pelo qual o indivíduo lida de forma homogênea em espaços múltiplos, ocorrendo nesses percursos sua socialização. No entanto, a autora destacou que Bernard Lahire, ao construir a teoria do homem plural, postulou a tese de que o indivíduo é produto de várias experiências socializadoras tecidas em distintos lugares e círculos sociais. A partir dessas contribuições, a autora advoga a ideia de *habitus* híbrido, construído em círculos sociais distintos nos quais o indivíduo circula, como a família, a escola, os círculos de confissão religiosa, os grupos de pares, as culturas juvenis **e também a partir das relações que estabelece como as mídias** – tradicionais ou novas, entre outros espaços socioculturais ou sociopolíticos.

Em outra publicação, Setton (2013) nos traz e reforça a ideia que a socialização é um processo pelo qual pode ser construído individualmente, mas também socialmente, sendo um espaço plural e de múltiplas referências identitárias. E o indivíduo, que pode ser o jovem, pode forjar um sistema que contenha referências familiares, mas também escolares e **midiáticos**. E ainda em diálogo com Martuccelli (2002), a autora defende que não mais existem universos fechados para os indivíduos.

Devido a este novo contexto social, comungamos da mesma ideia que os dois autores referenciados anteriormente defendem: a necessidade das novas pesquisas sociológicas em reconhecer o quão singular são as trajetórias individuais e se desfazer das antigas ideias nas quais existiam conexões universais entre todos os fenômenos. Isto porque os indivíduos são levados a ser tornar indivíduos por eles mesmos (SETTON, 2013). Supera-se assim, segundo Martuccelli (2002), o esgotamento daquela Sociologia

representada por Durkheim, Parsons e outros, na qual a ação individual seria baseada nas normas de um conjunto integrado com princípios comuns aos atores e aos sistemas.

Neste contexto histórico, no qual temos as NTICs resgatamos também outra autora, Sibilia (2012). Ela defende que os processos de socialização e de produção de sociabilidades dos indivíduos posicionados em diferentes fases do curso da vida, sobretudo crianças, adolescentes e jovens (no nosso caso em questão), são adensados e se tornam mais diferenciados em virtude das relações que eles estabelecem, a partir de várias lógicas de ação com as novas tecnologias da informação e comunicação– NTICs. Os indivíduos integram-se a elas (as novas tecnologias) e vivenciam a sociedade da informação como uma possibilidade de conhecer outras realidades, se identificar ou rejeitar novas possibilidades culturais, experimentar novas sociabilidades e tecer novas experiências sociais. As redes sociais, parte importante desta sociedade da informação, **são um paradigma de novos modos de relacionamento e compartilhamento de experiências e aprendizados**, sendo elas muito mais abertas, porosas e plurais do que a linearidade presente em muitas das instituições construídas historicamente pela modernidade, como por exemplo, a instituição escolar (SIBILIA, 2012). Nota-se que estes novos espaços virtuais são outros *locus* de aprendizado, sendo realizados de forma horizontal, contrapondo-se à verticalidade das instituições tradicionais.

No entanto, como foi mostrado a seguir, a Internet, espaço virtual acessado pelas novas tecnologias da informação e comunicação, trazem sim novas formas de aprendizado, como citado anteriormente, mas também novas experiências, sociabilidades e novas formas de cultura.

A sociedade da informação, que se tornou global, tem um sistema de comunicação baseado nas NTICs, que paulatinamente vem absorvendo e integrando os demais meios de comunicação, formado por um hipertexto que integra a escrita e o audiovisual. O acesso e uso das novas tecnologias da informação são relativamente possíveis aos indivíduos diferencialmente posicionados na estrutura socioeconômica da sociedade, nos diferentes grupos de idade e geracionais, situados no meio urbano ou rural, desde que alfabetizado e letrado (CGIBR, 2017a; 2017b; 2019a; 2019b). No contexto dessa mudança social, surge a chamada comunicação em rede, marcada por processos socializadores mais cofigurativos (MEAD, 2002), mais horizontais, que transcende fronteiras, além de serem multicêntricos. As pessoas podem se comunicar umas com as outras sem intermédio das instituições (tradicionais) da sociedade. E essa nova forma de comunicação que se vê ampliada e diversificada, tem a sociabilidade

presente em diferentes segmentos sociais e etários, sobretudo para crianças, adolescentes e jovens de diferentes realidades nacionais. Para Castells (2000), quanto mais jovem o indivíduo, maior é a utilização das novas ferramentas tecnológicas e comunicacionais.

Com o surgimento destes novos meios tecnológicos, novas formas de cultura também se formam. Uma nova forma de comunicação descentralizada, coletiva e colaborativa desenvolve-se. Por meio dos *Tablets, notebooks e smartphones* o acesso pode ser feito de qualquer lugar para qualquer lugar, ou seja, o indivíduo pode estar em diversos lugares ao mesmo tempo (LUCENA, 2016). Lévy (1999) observou que primeiro ocorreu o desenvolvimento da estrutura da rede, sua verdadeira expansão física, chamado ciberespaço e posteriormente surgem as expressões culturais e interações. Nesse espaço digital ou virtual, as culturas nacionais tendem a se mesclar lenta mais continuamente com uma cultura global, cibernética, a cibercultura. Ainda segundo Lévy, (1999), vive-se um movimento globalizado de **jovens sedentos por novas experiências, de forma coletiva, diferentes daquelas propostas pela mídia clássica**. E o ciberespaço, apesar da sua ação econômico-comercial, pode, segundo o autor, trazer potencialidades, seja no campo econômico, político (projetos), cultural e humano (amizades), em uma grande cooperação. Todavia, ele tende também a se constituir em um território para a veiculação de ódio, preconceito, discriminação e enganação.

Em entrevista para Sousa *et al* (2015), Canclini salienta que a estrutura da rede é “desierarquizante” e horizontaliza as relações e interações sociais. Além disso, ele diz que graças à *Internet* é possível ter-se olhares e interpretações diferentes sobre o mesmo acontecimento. E que, sobretudo os jovens, estão descontentes com a apropriação de bens que deveriam ser compartilhados com todos e não apropriados por minorias políticas ou sindicais. A procomum, segundo ele, seria a comunidade na qual todo acervo de mensagens poderia ser apropriado e compartilhado por todos através do smartphone e o acesso à *Internet*.

Jacks e Schmitz (2017), em diálogo com as ideias de Jesús Martin-Barbero, observou que os jovens transitam com habilidade na construção cotidiana de “saberes-mosaico”, muitas vezes longe dos circuitos sagrados e das figuras sociais detentoras do poder/conhecimento. Os jovens são novos sujeitos e que “os pais não são mais modelos de conduta, a escola não é o único lugar de legitimidade para a construção do saber” (JACKS; SCHMITZ, 2017, p.7). Por fim, ainda em diálogo com Martin-Barbero,

argumenta-se que é a primeira vez na História que os adultos se socializam e aprendem com os jovens e não o contrário. Aqui notamos, portanto, uma quebra de paradigma.

Castro (2018), ao interagir com obra de Margaret Mead, chamou a atenção para o fato de que na contemporaneidade os jovens aprendem mais facilmente com as mudanças sociais, principalmente em relação às novas tecnologias da informação e comunicação, sendo ele (o jovem), muitas vezes, o agente socializador dos integrantes das gerações adultas - adultos e velhos. O autor ainda mostra que Mead aborda a existência de crises e conflitos geracionais, definindo três “noções-tipos” de culturas de transmissão geracional: pós-figurativa (as crianças aprendem primordialmente com os adultos); cofigurativa (tanto crianças como adultos aprendem com seus pares); pré-figurativa (os adultos aprendem com os membros das novas gerações).

A sociedade atual, permeada pelas novas tecnologias da informação e comunicação, com o computador, o *notebook*, o *tablet*, o telefone móvel - *smartphone*, a Internet, as redes sociais, os aplicativos móveis, passa, portanto, **por um período de questionamento do poder das tradições e das heranças culturais**. Os múltiplos espaços e múltiplos tempos que os jovens/alunos vivem como o uso do *Facebook*, do *Vimeo*, do *Youtube*, do *Whatsapp*, do *Twitter*, do *Instragram*, entre outros aplicativos, são diferentes do espaço-tempo de instituições tradicionais como a escola e isso, como mostramos a seguir, gera tensões e conflitos.

A realidade midiática, por exemplo, presente na sociedade contemporânea e permeadas pelas TICs, como defendida por De Sousa (2014), cria novas experiências humanas, como novas possibilidades de interação ou mesmo constituição dos indivíduos, afetando, portanto, os modos de ser, agir e conviver.

Desta forma, os jovens têm o poder de construir suas identidades e seus projetos de vida e isso contribui para a produção de novos processos de individuação, socialização, interação e sociabilidade. Portanto, a escola, palco da nossa investigação, como instituição tradicional que socializa, mas que também tem sociabilidades e interações, não está sozinha no universo educativo dos mais novos (CARRANO, 2017), ela conta com colaboradoras e concorrentes e é essa discussão que traremos a seguir.

No entanto, é preciso destacar que as novas tecnologias da informação e comunicação, a *Internet* ou rede mundial de computadores, assim como qualquer outra mediação cultural do meio digital, não são acessíveis e usadas igualmente, de qualquer lugar, por todos os indivíduos desigualmente posicionados na estrutura socioeconômica de uma dada sociedade. Como afirma Castells *et al.* (2005), a sociedade em rede

difunde-se sim por todo o mundo e sua lógica afeta toda a humanidade, porém em contrapartida, ela exclui grande parte das pessoas.

Outro ponto que Castells *et al.*, (2005) acentua é que mesmo proporcionando uma comunicação global e socializante, a sociedade em rede “não representa o mundo de liberdade entoada pelos profetas da ideologia libertária da Internet” (CASTELLS *et al.*, p.24). E, além disso, “ela é constituída simultaneamente por um sistema oligopolista de negócios multimídia, que controlam um cada vez mais inclusivo hipertexto e pela explosão de redes horizontais de comunicação local/global” (CASTELLS *et al.*, p.24). Percebe-se, portanto, a existência de uma estrutura mais profunda que dita às normas, regras e condutas, a economia e até mesmo a política quando se pensa na sociedade em rede.

E, em se tratando de formas de se fazer política, as *fake news* exemplificam como o poder da informação, que nesse caso é de desinformação, pode prejudicar a sociedade, como por exemplo, campanhas políticas que se utilizam de equipes profissionais e especializadas para distribuir conteúdo viral e falso principalmente pelas redes sociais, caso do *Twitter* (CANDIDO; DOS SANTOS PEREIRA, 2020).

3.3 Ser jovem, ser aluno e as novas tecnologias da informação e comunicação

Começamos a falar de jovens compartilhando da ideia de Dayrell e Carrano (2014) na qual não há uma juventude, mas sim jovens que experimentam e sentem as várias juventudes no contexto sociocultural no qual estão inseridos, elaborando assim modos de ser jovem. Dentro deste contexto citado anteriormente não se pode deixar de relacionar a cultura, ou melhor, as expressões culturais deste grupo diverso. É justamente na mediação simbólica presente nas diversas manifestações culturais que a condição juvenil é vivenciada. Seja na música, na dança, no vídeo, seja no visual, a cultura media a articulação entre os jovens nas “trocas de ideias”, na dança ou mesmo para ouvir um som juntos. Alguns jovens inclusive podem também ser produtores culturais e musicais presentes em rádios comunitárias ou mesmo em shows e outros eventos (DAYRELL; CARRANO, 2014).

Acreditamos que nesta condição social na qual o jovem vivencia existe mais uma manifestação: as novas tecnologias da informação e comunicação (NTICs). Neste caso, compartilhamos da ideia de Sales (2014) que ao dialogar com Donna Haraway, mostra o processo de *ciborguização* que ocorre na sociedade, uma interação entre

homem (organismo) e máquina. E para Sales (2014), os jovens são o ícone disso, pois eles interagem o tempo todo com as tecnologias, orientando o seu comportamento, suas condutas e até mesmo sua existência, sendo considerados, portanto como nativos digitais (a geração nascida na era da Internet). Essa ideia é reforçada por Silva e Couto (2012) na qual defendem que para o jovem, o celular é como se fosse uma parte do seu corpo, além de serem tecnófilos, pois se sentem atraídos e usam as tecnologias para suas necessidades de lazer, comunicação e aprendizagem.

Junto às tecnologias e intrínseca a elas, trouxemos de De Sousa (2014) a questão da midiaticização da cultura compreendida como processo interacional na sociedade contemporânea, atravessando não só as instâncias de informação, mas as instituições e relacionamentos interpessoais, inclusive nas vivências juvenis, caso dos seus processos de socialização e de suas sociabilidades, como já citados por nós anteriormente. A cultura midiática e a cultura juvenil têm uma relação cada vez mais estreita e imbricada.

Ainda em De Sousa (2014) em diálogo com Monteiro (2009), compartilhamos da ideia de que os jovens possuem habilidades para navegar em sites, lidar com múltiplos links, além de interagir com outros internautas, sejam eles conhecidos ou desconhecidos. Já em diálogo com Mattos (2010), a autora nos traz novamente o jovem com uma nova forma de interpretar a realidade, percebendo-se a si mesmo e consumindo a própria mídia. Nestes espaços tecnológicos e midiáticos, os jovens criam afinidades, sejam pelo gosto musical, filmes, novelas, escritores, expõem seus hábitos, imagens e receios, participando de sites de relacionamento e manipulando canais de televisão. Portanto, o jovem está presente e participa da midiaticização da cultura contemporânea usando com meio (ferramenta) as NTICs.

No entanto, esse jovem que pesquisamos e que navega por esse mundo midiático munido de forma ciborgue com os seus aparelhos celulares, os *smartphones*, chega à escola trazendo toda essa bagagem adquirida e vivida. Como veremos a seguir, todavia, a instituição escolar não está pronta para receber esse novo jovem, preservando de forma ultrapassada uma idealização do que é ser aluno.

Para adentrar a discussão sobre a escola, compartilhamos das ideias De Sousa (2014) que em diálogo com Dubet (2006), aponta que as instituições tradicionais têm dificuldades para enfrentar e responder às novas questões políticas, econômicas, sociais e culturais, perdendo seu monopólio, não cumprindo com os ideais iniciais da sua fundação. Inclusive a escola, no caso, estaria passando por um processo de redefinição institucional perante as novas demandas do novo contexto sociocultural.

De Sousa (2014) ainda nos evidencia que as novas gerações trazem para a escola novas aprendizagens e novas vias de relacionamento, desafiando métodos, currículos, temporalidades escolares e até mesmo papéis instituídos. Sendo assim a autora levanta a seguinte questão: qual o sentido da escola para as novas gerações e qual seria sua função perante essa sociedade marcada pela midiaticização? E aqui temos uma resposta de Setton (2002, p.87): a escola “como instituição educadora, com seus currículos, seus docentes, seus modos de educar, não pode se eximir de compreender e se colocar no espaço de novas práticas educativas contemporâneas”.

Para marcar ainda mais esse descompasso entre a escola e a sociedade, na qual temos os jovens, compartilhamos e continuamos com as ideias De Sousa (2014), pois ao dialogar com Fischer (2006), ela nos mostra que parte dos profissionais da educação não avaliou e não se deu conta que os dispositivos midiáticos alteram os modos de ser e de aprender das novas gerações. E justamente por isso a escola não pode se calar ou mesmo refutar tal processo.

A presença das tecnologias para Sales (2014) e compartilhado por nós, gera desafios para a educação, para a atuação dos docentes, além de modificar os currículos escolares. Em relação aos docentes existe certa inquietude em relação à juventude ciborgue, pois parece haver uma não compreensão destas novas formas juvenis de compreender a própria vida. Reclamam, por exemplo, que os jovens não leem, escrevem errado, não conversam, copiam tudo da Internet sem ao menos refletir. A autora afirma ainda existir uma sensação de perda de privilégio por parte dos professores, fora o fato do jovem ciborgue ter mais desenvoltura no ciberespaço do que os professores, colocando em xeque a relação de poder e das hierarquias de saber dentro da sala de aula.

Desta forma, acontece um conflito entre a escola e a cibercultura, ocorrendo até mesmo um processo de desqualificação ou banimento dentro do espaço institucional. Porém, apesar de toda esta postura, segundo Sales (2014) é possível encontrar alguns professores que incorporam as tecnologias às práticas pedagógicas, usando a favor do currículo.

Antes de seguirmos, é preciso trazer e explicarmos dois conceitos já citados em momentos diferentes anteriormente: *ciberespaço* e *cibercultura*. Para tanto resgatamos Lévy (1999) para qual o termo tem origem com o escritor Willian Gibson no seu romance de ficção científica *Neuromancer*, no qual existe um espaço de dados e uma geografia móvel da informação, normalmente invisível. Posteriormente, segundo Lévy,

o termo foi retomado por escritores, músicos, artistas e até políticos que dizem fazer parte da cibercultura. E Lévy, como define o termo? Para ele, o ciberespaço é “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, p. 94) e que se tornará o principal canal de comunicação da humanidade no próximo século. Ainda, segundo o autor, como já citado anteriormente, ocorre o desenvolvimento da estrutura da rede, sua verdadeira expansão física, o chamado ciberespaço, e desta forma se desenvolve essa cultura virtual e global, a cibercultura (LÉVY, 1999).

Ainda falando da presença das novas tecnologias da informação e comunicação dentro da escola e dentro da sala de aula, Pereira (2010) nos traz importantes contribuições. Presente nas experiências juvenis, os telefones celulares são acionados em sala de aula de modo cômico, jocoso, festivo e agonístico (embate), ou mesmo como um importante instrumento de zoeira ou causação, desestabilizando o cotidiano e a ordem institucional das escolas. Sons de animais ou personagens de desenhos animados eram acionados para provocar o professor.

Outra autora que nos ajuda a pensar no ser jovem-aluno é Corti (2014). Nos seus estudos também é possível ver essa dissociação entre adolescentes e jovens e a escola. De um lado existem os alunos que tem suas próprias sociabilidades, suas interações (com formação de grupinhos em uma rede de interdependência) e sua cultura, com interesses, linguajares e estilos próprios, buscando inclusive reconhecimento dos seus pares. Vivem, portanto a escola ao mesmo tempo em que vivem a adolescência e a juventude. Já de outro lado tem a escola com a imagem e ou modelo de um “velho aluno” que aceitava passivamente normas, regras e a disciplina escolar.

O mundo juvenil, ainda em Corti (2014), com suas relações entre pares, estilos, interesses e formas de se vestir são dimensões que se desenrolam dentro da escola, mas que ultrapassam o papel do formal do que é ser aluno. Por isso, o espaço escolar passa a ser espaço de sociabilidade, de encontros e de construção de identidades, mas também um espaço para aprender a burlar regras, escapar do controle do adulto. E aí vem a seguinte questão: o ofício de aluno é despreendido do ofício de ser jovem? Ter uma experiência escolar “positiva” implicaria uma rejeição da vivência juvenil? Apesar de a vida juvenil entrar em choque com a cultura escolar, elas não são experiências incompatíveis.

Em relação a este distanciamento entre jovens e escola, reforçamos nossa discussão com a pesquisa de Dos Santos e Schroeder (2023) que mostram como os

docentes nas suas falas têm noções reducionistas a respeito da juventude. Categoria homogênea e incompletude, por exemplo, são noções pautadas na lógica organizacional e institucional da escola propagadas por esses professores. Para piorar, ainda definem os jovens como perdidos, irresponsáveis, inconsequentes e sem perspectiva de futuro. Nota-se, segundo as pesquisadoras, um distanciamento entre os valores dos jovens e os valores dos professores que poderia ser diminuído, entendendo a escola como um ambiente social dinâmico no qual se intercambiariam diferentes tribos e culturas juvenis.

3.4 Elementos de sociabilidades do não escolar no interior do mundo da educação escolar

Este descompasso entre o jovem atual e a escola tem outras dimensões, inclusive históricas, na qual abordarmos, isto porque o “ser aluno” é uma construção social, o que implica uma idealização da sociedade deste sujeito, como já abordado anteriormente. Pereira (2010) ao dialogar com vários autores como Sacristán (2005) evidencia que o ser aluno é uma construção social, uma invenção dos adultos. Invenção esta que homogeneiza tanto a infância com a própria juventude.

Uma frase emblemática, também compartilhada por nós, reforça o que foi dito anteriormente: “Não se nasce aluno, alguém torna-se aluno” (SPOSITO, 2003, p.218). Para a autora, em diálogo com Duru-Bellat e Agnes Van Zanten (1992), três pressupostos devem ser levados em consideração para esta condição: dissociação entre ensino e aprendizagem no que se refere à noção de trabalho escolar; reconhecimento que este trabalho (do aluno) não se resume às respostas às exigências inscritas nos regulamentos oficiais; reconhecimento de que o aluno é a expressão de uma forma peculiar de inserção no ciclo da vida. Por fim, em diálogo com Perrenoud (1994), Sposito (2003) discute uma possível dissociação entre as expectativas dos educadores e a própria prática dos educandos.

Para exemplificar essa discussão relacionada ao descompasso da cultura jovem e da cultura escolar, nos reportamos novamente a Sposito (2003), que com base William Foot Whyte (1943), lembra a desvalorização que a escola faz da cultura elaborada por adolescentes e jovens em seus encontros e sociabilidades produzidos nas ruas, esquinas e bairros de moradia. Assim se de um lado teríamos a cultura juvenil produzida fora dos

muros escolares, de outro teríamos a cultura que adolescentes e jovens estudantes constroem no interior do mundo escolar.

Seguindo com a discussão da crise institucional pela qual passa a escola, continuamos compartilhando as ideias de Sposito (2003) nas quais evidenciam a incapacidade do sistema escolar em se adaptar aos novos desafios sociais. O público adolescente e jovem que frequenta a escola, como lembra a autora, possui um universo mais autônomo de interações com distanciamento das referências institucionais.

E nesse ponto, a autora em diálogo com Barrère e Martuccelli (2000) defende uma nova forma de se fazer sociologia, isto é, uma sociologia com perspectiva não escolar, visto que a escola cessa lentamente de ser modelada pelos critérios de sociabilidade adulta e vê uma inserção cada vez mais alargada das sociabilidades adolescentes no interior do mundo escolar, o que exige, portanto das pesquisas sociológicas, formas peculiares de compreensão. Entender as formas de solidariedade dentro destas sociabilidades, além dos conflitos, é segundo Sposito (2003), algo para ser enfrentado pela reflexão sociológica brasileira.

Nesta perspectiva não escolar, da qual compartilhamos, Sposito (2003) evidencia que elementos fora da instituição escolar, o seu entorno, influenciam o seu interior, como a cultura de rua. E, referenciando Candido (1964), a pesquisadora ainda nos mostra que a vida escolar é determinada pelas relações sociais externas a ela, ocorrendo recriação, transformação ou produção de novas relações sociais. Sendo assim, as pesquisas sociológicas não devem deixar escapar toda essa dinâmica.

Encerramos com Sposito (2003, p. 222): “é preciso considerar que a pesquisa sobre a vida escolar em seus elementos não escolares exige um conhecimento mais denso dos sujeitos- neste caso adolescentes e jovens- que ultrapasse os limites de sua vida na instituição”. Para nós, portanto, compreender a relação dos jovens e da escola, passa necessariamente pela análise sobre a bagagem que os mais novos trazem para dentro do universo escolar, principalmente no que se referem às novas tecnologias da informação e comunicação, no que diz respeito às sociabilidades, interações, processos de individuação e de socialização no quais os jovens estão inseridos.

3.5 Procedimentos metodológicos adotados na pesquisa: observação, diário de campo e questionário sociodemográfico e grupo de discussão.

Por longo tempo, como nos lembra Alonso (2016), as Ciências Sociais oscilaram entre os métodos quantitativos, com o objetivo de se alcançar generalizações, e os métodos qualitativos, com o objetivo de entender os processos e estruturas sociais, aprofundando-se em processos particulares. . Mais recentemente, no interior do mundo científico em geral e das ciências sociais em particular, existe a defesa e certa concordância de que entre as duas perspectivas metodológicas há um processo fecundo de complementaridade.

As abordagens metodológicas qualitativas têm seus limites, além da impossibilidade de se ter um conhecimento certo ou mesmo verdadeiro (ALONSO, 2016). Assim supõem-se, ainda segundo a autora, a parcialidade do conhecimento, pois ele é uma parte do todo, fora o fato de ao escolhermos, por questões pessoais, tomamos partido. Como usamos sujeitos que interpretam seu próprio mundo, dentro de casos particulares, no nosso caso uma escola de ensino médio do interior do Estado de São Paulo, optamos pela utilização de procedimentos metodológicos próprios de investigações de abordagens qualitativas.

No entanto, cabe aqui uma ressalva sobre os casos particulares (micro casos), pois segundo Giddens (2008) a microsociologia não deixa de se conectar ao contexto histórico, o que seria a macrosociologia. Ainda segundo o autor, portanto, elas estão relacionadas e entender a relação entre elas nos ajudam a enfrentar o problema. Sem fazer ligação/correspondência de uma com a outra, teremos apenas um entendimento limitado.

Seguindo ainda com Giddens (2008), aprofundamos a discussão entre a microsociologia e a macrosociologia. A microsociologia estuda o comportamento cotidiano nas situações de interação direta, no nosso caso, jovens com seus pares e jovens com os mais velhos. Já a macrosociologia analisa os sistemas institucionais como o sistema político ou ordem econômica que, no nosso caso, é a globalização permeada pela conexão em rede via internet e uso das novas tecnologias da informação e comunicação. A macro análise, de acordo com Giddens (2008), permite compreender as bases institucionais da vida cotidiana, ou seja, como as pessoas vivem o seu dia a dia e como são afetadas pelo enquadramento institucional mais amplo.

Para reforçar esta discussão trazemos, ainda, Mills (1982). Para quem o contexto social, político, cultural e econômico de uma pesquisa científica, é de extrema importância e não deve ser descartado, pelo contrário, deve servir de referência. E muitas vezes os próprios seres não tem consciência que suas vidas relacionam com um contexto mais amplo (MILLS, 1982), com as estruturas, com o macro.

Segundo Mills (1982), os indivíduos não têm consciência que suas angústias, ansiedades e problemas relacionam-se com questões políticas e econômicas, ou mesmo com o curso da história mundial. Ainda segundo Mills (1982, p.22), as “realidades íntimas de nós mesmos, em ligação com realidades sociais mais amplas”. É o caso, por exemplo, de uma guerra, na qual existe uma questão maior em jogo (disputa entre nações), mas também existe o soldado, o indivíduo e todos os seus sentimentos em relação àquele acontecimento.

E é nesse momento que entra o pesquisador para fazer a leitura e compreensão da relação entre ser individual/particular e seu contexto, pensando a sociedade e suas múltiplas dimensões, em diálogo com sociedades globais, pois, segundo Mills (1982), “a imaginação sociológica nos permite compreender a história e a biografia e as relações entre ambos, dentro da sociedade” (Idib, p.12).

Brandão (2001) defende que as novas sociologias devem buscar superar a oposição clássica entre subjetivos/objetivismo, agentes/estruturas, além de defender que o “coletivo é individual” e que os níveis microssociais fazem parte da construção de estruturas em níveis macrossociais. Para ela, ainda é preciso articular processos estruturais com as interações e vice-versa, ou seja, articular as interações sociais às estruturas sociais.

Feita esta discussão sobre questões micro e macro, mas sem perdê-las de vista, voltamos à abordagem qualitativa. Segundo Alonso (2016), esta perspectiva de condução da pesquisa científica procura entender como as regras, hábitos e padrões sociais são vivenciados cotidianamente pelos indivíduos, uma questão microssocial, portanto. Dentro desse contexto, o pesquisador se insere no dia-a-dia do grupo até mesmo como se fosse um membro, eventualmente, para observar e fazer registros de campo de forma a construir dados e informações de eventos, de falas e de discursos, de gestos, comportamentos e interações, além de registrar elementos e dimensões de sua própria experiência.

Portanto, para nos auxiliar nesta compreensão dos processos micro e macro nos quais estão envolvidos os jovens estudantes munidos dos seus telefones celulares

conectados à *Internet*, utilizamos os seguintes procedimentos: observação ativa com registros no diário de campo, tendo como objetivo conhecer e entender a estrutura escolar e seu funcionamento no dia a dia; questionário sociodemográfico visando uma caracterização dos sujeitos centrais do estudo, os jovens estudantes; e, por fim, o grupo de discussão, com o intuito de captar as experiências e as reflexões dos jovens à respeito do uso do celular conectados à internet e seus desdobramentos no interior do universo escolar.

3.5.1 Observação e registro de campo

As atividades de campo desta pesquisa ocorreram no interior de uma unidade escolar, compreendida ao mesmo tempo como um “grupo institucionalizado”, criado conscientemente por ordenações racionais e sob determinações do poder público, e como um “grupo social”, que a partir de sua autonomia relativa constrói uma dinâmica social própria, particular, a partir das relações estabelecidas por seus integrantes, isto é, entre os membros das gerações adultas e as novas gerações, e, sobretudo as relações e interações que são tecidas entre os mais novos nos diferentes territórios da escola.

Segundo Candido (1964), a escola em si é algo vivo e autônomo, um ambiente social peculiar que também possui suas próprias tensões ou mesmo conflitos, indo além, portanto, dos ajustamentos administrativos. Isto porque, como cita o autor, a estrutura administrativa racional da escola é igual para todos, mas o que as difere são as relações de grupo, inclusive com socialidade própria. De um lado, os adultos exercem pressões sobre os estudantes para anteder aos interesses da instituição, mas em contrapartida, de outro, os jovens reagem ao seu modo, dando expressão à sua própria socialidade. Ocorre, portanto, uma concorrência normal, em um processo de tensão e acomodação.

Portanto, a partir da ideia de Cândido (1964), e tendo em vista a questão central deste estudo, escolheu-se como campo empírico, uma instituição escolar, pública, de ensino médio, de cidade de pequeno porte do interior nordeste do estado de São Paulo, para explorar as relações e interações que, no seu interior, estabelecem seus jovens estudantes – homens e mulheres, que tenham entre 15 e 17/18 anos de idade, para compreender os regimes de sociabilidade que tecem no interior do ambiente escolar, pela mediação do telefone móvel – smartphone – o acesso e uso da Internet.

Dito isso, o início do estudo de campo foi no 2º semestre do ano de 2019. Tal como previsto no projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética da FFCLRP-USP, as atividades de campo planejadas no plano de trabalho tiveram início no segundo semestre de 2019. Neste primeiro momento, foi realizada conversa com a diretora e a realização de preenchimento de documentos, levantamentos de dados escolares, como quantidade de alunos matriculados, estrutura física, informações sobre a presença ou não de instalações de tecnologias da informação e comunicação e da de acesso à Internet. Naquele ano, constatei que a escola continha instalações para o acesso à rede *Web* só para os estudantes, ou seja, era de uso exclusivo deles.

Posteriormente foi realizado um contato prévio com a professora das disciplinas de Sociologia e Geografia, conhecida do pesquisador de outros trabalhos e sempre solicita, para combinarmos as atividades de observação das turmas de estudantes de 1º e 3º ano do Ensino Médio, durante as aulas que ela ministraria. Obtido o sinal positivo de cooperação daquela docente, no segundo semestre mesmo dei início às práticas de observação, em que pude acompanhar atividade que eles realizavam em sala de aula e em outros lugares da escola. Dois pequenos registros exemplificam atividades que chamaram minha atenção e foram registradas no caderno de campo:

Em sala de aula do 1º ano do ensino médio, a professora e os estudantes dialogavam sobre um projeto da escola que tinha por objetivo arrecadar brinquedos para doação, no mês de outubro, para crianças da cidade que se encontravam em situação de vulnerabilidade. Tanto a docente como os estudantes fizeram referências sobre o uso do *smartphone*, na escola e fora dela, para trocarem mensagens sobre a organização da proposta de arrecadação e também para a postagem de fotos que pudessem evidenciar a situação dos brinquedos que fossem doados (Caderno de campo, setembro de 2019).

No dia 18 de setembro, no período da tarde, novamente, fiz observação em sala, também no 1º Ano do ensino médio, mas agora feita no pátio que estava mais fresco do que a sala de aula. A professora fez explicação prévia do conteúdo e posteriormente incentivou a pesquisa de alguns temas pelos estudantes. Enquanto este processo era realizado, o pesquisador perguntou para alguns alunos sobre o uso que eles faziam do celular. Eles relataram a existência de grupos de *whatsapp* (aplicativo de troca de mensagens). O uso, segundo eles, era para fins escolares, como já citado anteriormente por alunos de outra turma, além da prática de jogos e ouvir música. Neste mesmo dia, presenciei, ainda, o intervalo entre as aulas. Alguns estudantes mexiam no celular, outros jogavam *ping-pong*/tênis de mesa; outros comiam a merenda fornecida pela escola, mas sem usar celular, e

outros comiam, concomitantemente, usando o aparelho (Caderno de campo, setembro de 2019).

Já no fim do 2º semestre de 2019, a observação de campo foi suspensa para a elaboração do relatório de qualificação pelo pesquisador. Após o exame de qualificação, me comprometi a retomar as atividades de observação e, posteriormente organizar e realizar os grupos de discussão, mas, no 1º semestre de 2020, as aulas foram suspensas devido às restrições sanitárias e sociais que tivemos no País em decorrência da pandemia do Corona Vírus.

Sendo assim, a volta ao campo pelo pesquisador foi possível apenas ao final de 2021, com o reestabelecimento do contato com a professora-diretora da unidade escolar. Já no 1º semestre de 2022 foi estabelecido contato com alguns professores, para que autorizassem a liberação de alguns estudantes para que pudesse realizar os grupos de discussão.

No início do 2º Semestre de 2022, voltei à escola para fazer o convite aos estudantes do 1º e 3º ano do ensino médio para que participassem do grupo de discussão previsto pela pesquisa; também esclareci com os alunos eventuais dúvidas que eles tinham sobre o grupo de discussão, e combinei o dia que realizaríamos os grupos, tanto no período como no vespertino.

Vale ressaltar que a escolha destas duas turmas se deveu ao fato de, segundo Sposito e Galvão (2004), existirem diferenças comportamentais, de desafios, de expectativas e de aspirações entre os alunos que estão chegando ao Ensino Médio e entre aqueles que estão partindo da escolarização básica. Na etapa do Ensino Médio, o 1º ano pode ser apreendido e interpretado como um momento de orgulho de encerramento de um ciclo – a etapa do ensino fundamental, e entrada em outro ciclo, que envolve sonhos, novos desafios e perspectivas. O 3º ano desta mesma etapa é o momento em que aparecem os dilemas em relação continuidade ou não da escolarização em níveis mais elevados ou a busca de outras modalidades de formação educacional, a inserção no mundo do trabalho, a conquista de uma ocupação contratual e remunerada, o alargamento das práticas de independência e a ampliação da autonomia pessoal, portanto o Ensino Médio é simultaneamente um tempo breve e de urgências, de inquietações, de projeções e também reversões de escolhas.

Ainda em relação às turmas de estudantes dos diferentes anos do Ensino Médio, pode-se afirmar que há entre eles diferenças no conhecimento das regras escolares. Os mais novos tendem a dizer que conhecem menos as normas e as regras escolares desta

etapa de ensino ou do estabelecimento de ensino, diferentemente dos mais velhos que tendem a conhecê-las com mais acuidade ou ainda tendem a dar-lhes outros significados e sentidos, até mesmo tem a desprezar algumas delas. Desta forma, objetivou-se detectar a existência de diferenças ou não do uso do *smartphone* e da *Internet* entre turmas em momentos diferentes da formação escolar e em relação ao conhecimento das regras e normas vigentes.

Na sequência, discorro sobre o passo a passo que conformei para a montagem, condução e desenvolvimento dos grupos de discussão.

3.5.2 O grupo de discussão: algumas referências conceituais

A decisão pela realização do grupo de discussão na pesquisa realizada fundamentou-se em contribuições de Willis (1991), Weller (2006), Silvestre *et al.* (2018), autores que contribuem para que entendamos como os grupos de discussão permitem apreender e analisar as práticas e experiências sociais de seus participantes, as visões de mundo, concepções e representações individuais e coletivas compartilhadas no mundo escolar e fora dele, no momento do curso de vida em que se encontram.

A origem desta técnica de pesquisa, segundo Weller (2006), vem da investigação social do mundo anglo-saxão, quando foi usada em atividades de realização de enquetes de estudos de marketing visando a apreender e interpretar a reação do público em relação à propaganda de determinados produtos culturais.

Por sua vez, Silvestre *et al.* (2018) afirmam perspectivas históricas semelhantes para o grupo de discussão, todavia situando não em contextos anglo-saxônicos mas em contexto ibérico, espanhol, no período da ditadura franquista. De acordo com aqueles autores, o professor e sociólogo Jesús Ibañez utilizava o método relacionando também ao âmbito mercadológico, referindo-se às pesquisas de mercado para analisar os motivos pelos quais os sujeitos consumiam ou não determinados bens de consumo. No entanto, como o passar do tempo, os grupos de discussão foram além da questão mercadológica e adentram noutros campos de pesquisa, no que se referia, por exemplo, à realidade social, caso da política, participação social e educação.

Voltando a Weller (2006), a prática do grupo de discussão é um procedimento que tem como objetivo analisar o meio social dos participantes, além das suas visões de mundo e representações coletivas, diferindo dos grupos focais os quais serve para

avaliar a reação/opinião de um grupo de pessoas em relação à um produto. O trato dado pelo moderador, segundo Silvestre *et al* (2018), também é uma diferença com maior diretividade, no caso do grupo focal, levando o debate para o seu interesse, ou menor diretividade, caso do grupo de discussão.

Em diálogo com Mangold (1960), Weller (2006) evidencia como o autor deu um novo sentido aos grupos de discussão, transformando-o em um instrumento de exploração de opiniões e que essas não seriam uma soma das opiniões individuais, mas produto das interações e vivências coletivas de um determinado grupo social de pertencimento. O que reforça para nós o que Silvestre *et al.* (2018), em diálogo com Callejo (2002), apontam sobre os grupos de discussão no que diz respeito a busca de uma representação simbólica do grupo frente a um fenômeno estudado.

Apresentaremos de forma mais didática e pontuada a seguir as vantagens do grupo de discussão. Em diálogo com Weller (2013), Silvestre *et al.* (2018) mostram que com este instrumental de pesquisa é possível (re)conhecer as seguintes condições dos sujeitos da pesquisa: sua cultura, usos de vocabulário nativo ou próprio, suas reflexões, propostas de correções de fatos distorcidos, além deles permitirem maior inserção do pesquisador no grupo.

É preciso esclarecer que para a operacionalização dos grupos de discussão deste estudo usei menos as indicações teórico-empíricas de Weller (2006; 2013) e segui mais as proposições de Meinerz (2011) e Silvestre *et al.* (2018).

Assim, nesta pesquisa, fui o responsável por fazer o convite aos estudantes para que eles participassem dos grupos e pela entrega e recebimento do Termo Consubstanciado Livre Esclarecido (TCLE). Também me responsabilizei pela organização da sala para recebê-los e realizar os trabalhos de cada grupo – do 1º e do 3º ano.

Após a realização dos grupos, registrei os detalhes que percebi em cada grupo, tais como os vários tipos de reação dos estudantes às questões, às discussões, assim, registrei não apenas as narrativas, mas também reações de riso, de silêncio, de incômodos, de concordâncias e discordâncias entre eles, julguei que tais elementos poderiam ampliar e enriquecer os conteúdos das discussões com elas e eles empreendidas.

Para o desenvolvimento do grupo de discussão, o pesquisador valeu-se de dois pequenos gravadores. Este cuidado proporcionou uma maior segurança a respeito de

falhas, o que realmente aconteceu, pois, um dos gravadores registrou apenas o início das discussões de um dos grupos.

O grupo de discussão, segundo Meinerz (2011), deve conter até uma hora e meia, caso contrário, como nos alerta Silvestre *et al* (2018), uma grande quantidade de material pode ser produzida, o que gastaria muito tempo de análise, podendo prejudicar o transcorrer da pesquisa. No nosso caso, os dois grupos de discussão tiveram duração de cerca de uma hora.

Já em relação ao número de participantes, Silvestre *et al.* (2018), em diálogo com alguns pesquisadores, apontam que um número ideal seria com uma quantidade nunca superior a 10 participantes.

Sendo assim, a seguir mostramos como foi planejado, desenvolvido e executado o nosso grupo de discussão.

3.5.3 O grupo de discussão: planejamento, desenvolvimento e execução

Para a execução do grupo de discussão, antes foram elaborados dois documentos: o TCLE, Termo de Consentido Livre Esclarecido no qual os responsáveis pelos alunos menores de idade permitiam sua participação no grupo de discussão, condição essencial para a participação. Além disso, foi aplicado aos estudantes que se voluntariam a participar do estudo, um formulário sociodemográfico contendo doze (12) questões visando a levantar dados a idade, gênero, cor/etnia, religião, renda familiar, grupos ou associações que eles participam, além da inserção ou não no universo do trabalho (em apêndice).

Munido destes documentos, no início do 2º Semestre de 2022, o pesquisador voltou à escola para fazer o convite aos estudantes para a participação na pesquisa, esclarecer dúvidas sobre o grupo de discussão, combinar o dia da realização do grupo de discussão e entrega de documentos; esta etapa já tinha sido acordada com a responsável pela gestão da Unidade Escolar, ao final do 2º semestre de 2021. O convite foi estendido para alunas e alunos das turmas do 1º ano (iniciantes no Ensino Médio) e para as turmas de 3º ano (concluintes do Ensino Médio).

Além dos estudantes, também tivemos diálogos com alguns professores do estabelecimento de ensino que atuam na etapa do Ensino Médio – das disciplinas de Geografia, Sociologia e Matemática - para explicar a pesquisa e pedir auxílio na

liberação das alunas e alunos para a participação dos grupos de discussão, durante o período das aulas, os quais se prontificaram a ajudar.

Após a data marcada, dias antes do encontro para a realização dos grupos de discussão, passei nas classes das turmas anteriormente contatadas, de modo a recolher os TCLEs assinados pelos responsáveis e o formulário respondido pelos estudantes.

Em meados do segundo semestre de 2022, foram realizados os dois grupos de discussão, sendo um com estudantes do 1º Ensino Médio, no período da tarde e outro com estudantes do 3º Ensino Médio no período da manhã.

Ao chegar à escola o pesquisador foi recebido pela coordenação que disponibilizou como já acordado anteriormente, uma sala para realização do grupo de discussão. No caso, a sala de artes foi oferecida estando relativamente distante das salas de aula, do pátio e do refeitório, fatores que favoreceram as conversas e consequente a gravação das falas dos estudantes. Além disso, a sala estava organizada, limpa era arejada, com ventiladores à disposição. E para agregar ao ambiente e deixar os jovens estudantes confortáveis para a participação da pesquisa, oferecemos um pequeno lanche com água e chocolates.

Tanto na parte da manhã como na parte da tarde, fui buscar os estudantes em suas salas de aula e solicitei que aqueles que haviam trazido o termo (TCLE), assinado pelos pais/responsáveis ou pelos maiores de idade, poderiam seguir-me.

Para a realização/execução dos grupos de discussão, como os estudantes do 3º ano (período matutino) e os estudantes do 1º ano (período vespertino), propus para os grupos as seguintes questões:

- Como era o uso do celular na escola que ele (a) estava antes da pandemia?
- Em relação às atividades escolares e as relações entre eles, como era o uso do celular durante da pandemia?
- Como é o uso do telefone celular no interior da escola nos dias atuais?
O que você acha do uso do telefone celular na escola?

Além destas questões principais, ao longo da discussão fui introduzindo perguntas que buscavam informações e dados sobre as relações e interações que os estudantes estabeleciam entre eles e com os representantes do mundo adulto dentro da escola, mediadas pelo telefone celular e *Internet*. Encerrada a discussão, fizemos um

agradecimento aos participantes, reforçando que eles contribuíram para uma pesquisa científica.

Ainda aqui vale uma constatação sobre o que escapou do grupo de discussão: um estudante me procurou após o término (do grupo de discussão) para fazer um relato mais pessoal sobre os temas abordados. Porém, esse momento com mais detalhes foi realizado dias depois via *Whatsapp* (o estudante compartilhou seu número), pois o ele disse que precisava voltar à aula. Combinado o encontro, neste dia o estudante formulou críticas, confidências e desabafos em relação ao uso do celular pelos pares no cotidiano escolar, mas também formulou crítica ao uso do telefone móvel como instrumento didático nas relações de ensino-aprendizagem. O relato foi registrado e evidenciado abaixo:

Pesquisador: Eu vim aqui te chamar, porque no final você me disse que queria dizer algumas coisas e no momento você achou melhor não dizer. E aí, você pode me ajudar?

Pesquisador: Por exemplo, você pode me falar do uso do celular aí na escola? O que você queria falar naquele dia, mas que não falou por sentir incomodado, mas agora você poderia falar?

Eu acho, na minha humilde opinião, que o celular estragou o ambiente escolar. Porque a intenção dele foi ajudar os alunos a pesquisarem sobre assuntos e derivados de tais matérias e tal. Mas na realidade a gente sabe que não é assim. O celular virou coisa para adolescente perder todo o foco... é onde cria *bullying*, cria inveja, cria papinho, história, então tira o foco do aluno prestar atenção na aula. (Aluno, 3º Ano)

E acho que as escolas deveriam voltar a não permitir o uso do celular, tipo, não permitir mesmo. Vê e pega o celular e tranca em algum lugar, porque se continuar assim só vai piorar as coisas, por isso que naquele dia eu não queria falar. Você viu aquele dia, o que o povo mais gosta de ter é conversar, jogar, no horário que não é pra jogar, eles jogam, e ficam fofocando da vida dos outros. Pra mim celular é horrível, tipo, dentro de ambiente escolar, porque é incrível fora, mas dentro do ambiente escolar é horrível... pra mim, eu não gosto e é isso (Aluno, 3º Ano)

Assim, apresentados a fundamentação teórica e os procedimentos metodológicos, na próxima seção apresentamos os dados e informações construídos a partir das atividades de campo, e posteriormente analisamos todas elas à luz das contribuições oferecidas por autores da Sociologia e das Ciências Humanas.

4 ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO PÚBLICO, OS USOS DO *SMARTPHONE* E DA INTERNET E AS IMPLICAÇÕES PARA AS INTERAÇÕES SOCIAIS TECIDAS NO INTERIOR MUNDO ESCOLAR

Tendo em conta as referências históricas, os aportes conceituais e os resultados de estudos que divulgaram resultados quantitativos de estudos amostrais sobre as relações, em anos recentes, que os jovens estabelecem com as novas tecnologias da informação e comunicação – NTICs e com a Internet, com o uso mais recorrentes que fazem os jovens das NTICS no interior do mundo escolar e fora dele (CGIBR, 2017; CGIBR, 2019; CGIBR, 2021), além de dados que evidenciaram que a fase da juventude no Brasil tem sido vivenciada diferencialmente – e mesmo de forma desigual – por adolescentes e jovens brasileiros – por isso juventudes (BOURDIEU, 1983; PAIS, 1993; MARGULIS; URRESTI, 1996; DAYRELL; CARRANO, 2014; JÚNIOR; BUNGENSTAB, 2018), nesta seção, apresento e analiso os dados e informações que pude construir com as atividades de campo, visando a encontrar respostas para a questão central da pesquisa que assumi realizar desde 2019.

Nas próximas páginas, abordarei e analisarei os dados e informações construídos a partir de diferentes atividades desenvolvidas, desde aquelas que têm relações com o levantamento, seleção e leitura de trabalhos acadêmicos, nacionais e estrangeiros que abordaram temas e questões semelhantes ao meu estudo, passando pelas atividades de observação direta da unidade escolar e dos estudantes do ensino médio, e também os resultados produzidos com a aplicação do questionário sociodemográfico e com os grupos dois (2) grupos de discussão. Neste sentido, registro e comento dados quantitativos e qualitativos do município e da unidade escolar em que desenvolvi a pesquisa, posteriormente registro e comento os resultados elaborados a partir da aplicação do questionário e, por fim, apresento e analise os conteúdos produzidos com os grupos de discussão.

4.1 Características do município em que se situa a escola pública que abrigou as atividades da pesquisa

O estabelecimento público de ensino que serviu de campo para a nossa pesquisa está instalado em região central e urbana de município de pequeno porte do interior

nordeste do estado de São Paulo, com 94% de sua população residindo em sua área urbana (SEADE, 2023). **Segundo dados da Fundação Seade (2023), a cidade tem uma população estimada em 40.508 mil habitantes**, com um percentual da população de mulheres (51,4%) ligeiramente superior ao percentual da população de homens (48,6%).

Quanto à composição etária dos habitantes, tem-se que 17% deles encontram-se entre 00 a 14 anos; 20,2% entre 15 e 29 anos, faixa essa que circunscreve os sujeitos da nossa pesquisa, os jovens estudantes; já 43,2% estão na faixa entre 30 e 59 anos; e por fim, 19,7% têm mais de 60 anos. Desses dados anteriores, pode-se depreender que o município possui uma população adulta, pois o corpo da pirâmide etária é maior, ou seja, 43,2%.

No que se refere à economia, os dados do SEADE apontam um produto interno bruto (PIB) de 1,8 bilhões de reais (R\$) no ano de 2020. Já o PIB per capita é 44,9 mil reais (R\$) no mesmo ano de 2020 comparativamente abaixo do PIB per capita do Estado de São Paulo que é de 53,2 mil reais (R\$). Aprofundando um pouco mais a análise, a distribuição do PIB por setores de atividade econômica no local, em 2020, se encontrava estratificada da seguinte forma: 51,4% dos recursos financeiro estavam ligados ao setor de serviços (excetuando-se a atividade do poder público), 24,8% dos recursos estavam vinculados ao setor industrial e 10,9% ao setor da agropecuária, por fim, 12,9% dos valores financeiros eram derivados de impostos líquidos e de subsídios oriundos de outras fontes governamentais.

Ainda relacionados aos dados socioeconômicos do município, tem-se que o salário médio mensal da população empregada no município, em torno de 7.500 pessoas, encontrava-se em torno de R\$ 2.486 reais (R\$), enquanto no estado de São Paulo, para os 13 milhões de indivíduos empregados, o salário mensal médio, no mesmo ano, era de R\$3.943 reais (R\$) (SEADE, 2021).

Outros dados relevantes para a construção de uma caracterização sociocultural do município são aqueles que contribuem a uma descrição da situação da educação escolar, no nível da educação básica.

Com relação às matrículas pelas etapas da educação básica por rede de ensino, em 2021, a Seade indica que a demanda social por educação infantil – creche e pré-escola, e por ensino fundamental – etapas inicial e final, é atendida pelas redes pública municipal e privada de educação escolar; já no ensino médio, a demanda social pela etapa final da escola básica foi atendida pelas redes pública estadual e privada de

ensino, conforme dados da Fundação Seade (2021), abaixo expostos na Tabela 9, abaixo.

Tabela 9: Matrículas nas redes de ensino presentes no município em que se encontra a escola pública estadual que serviu de campo empírico à pesquisa, 2021

Etapas da Educação Básica	Competências			
	Municipal	Estadual	Privada	Total
Ed. Infantil				
Creche	627 (79,5%)	-	161 (20,4 %)	788 (100%)
Pré-escola	679 (91,7%)	-	95 (12,7 %)	774(100%)
Ens. Fundamental				
Anos iniciais	1.810 (76,4%)	-	558 (23,5%)	2.368 (100%)
Anos finais	1.445 (73,4%)	-	521 (26,5%)	1.966 (100%)
Ensino Médio	-	933 (75,6%)	300 (24,3%)	1.233 (100%)

Fonte: Fundação Seade, 2021.

De acordo com a Seade, em 2021, a taxa de aprovação dos estudantes do ensino fundamental e do ensino médio na localidade foi de 97,3%, enquanto no estado de São Paulo a taxa chegou ao percentual de 98,6%. Já quando se trata da taxa de reprovação, o estado apresentava o índice de 0,8% e o do município era três vezes maior, ou seja, em torno de 2,6%. Todavia, enquanto a taxa de abandono escolar no estado estava na casa de 0,6%, no município ela foi de 0,1%.

Outros dados educacionais têm relação com o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB, para o ano de 2021. Quando se trata do 1º ao 5º ano da etapa do ensino fundamental, o estado de São Paulo apresentava 6.1 pontos com meta de 6.6 pontos, já o município apresentava 5.9 pontos com uma meta de 6.5 pontos. Passando para o 6º e 9º ano da mesma etapa da escolarização, o IDEB estadual foi de 5.3 pontos com meta de 5.8, enquanto no município para o índice foi de 5.1 pontos com meta de 5.5 pontos. Por fim, em relação ao Ensino Médio, foco das nossas análises, em 2021, o estado de São Paulo apresentava 4.4 pontos com meta de 5.1, já o município contava com 4.1 pontos com meta de 4.6 pontos.

4.2 Considerações sobre a unidade escolar pública estadual em que as atividades de campo foram desenvolvidas

O estabelecimento de ensino que serviu de território para as atividades de campo desta pesquisa trata-se de instituição escolar da rede pública de educação básica do governo do estado de São Paulo. Este equipamento público foi instalado em março de

1950, para atender a demanda social aos ciclos do ensino secundário do período – ginásio e colégio, e para a Escola Normal de formação de professores para as séries iniciais do ensino primário na localidade e demais municípios da região nordeste do interior paulista.

A escolha daquele específico estabelecimento de ensino se deveu ao fato dele estar situado a centro urbano do município que o abriga, e atender alunos e alunas provenientes de diferentes bairros da cidade, localizados em suas porções urbanas e rurais. A escolha dele deveu-se também ao fato de que, nos anos da década de noventa (90) fui seu aluno por 6 anos, quando realizei a etapa do ensino fundamental. Ademais, nesta mesma instituição escolar dei início à ocupação profissional como docente, nos diferentes anos do Ensino Médio, na década de 2010. Portanto, posso afirmar que tinha relativa familiaridade como o território que serviu de campo para a realização das atividades empíricas da pesquisa que me propus a realizar.

Ao longo dos anos, o estabelecimento escolar atendeu à demanda social para as etapas do ensino fundamental e do ensino médio, porém, atualmente, oferece apenas o ensino médio e a modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Conforme indicado anteriormente, a escola está localizada na região central do espaço urbano da cidade em que ela está instalada.

O município em que ocorreram as atividades de campo do estudo possui 20,9% da sua população total composta por jovens que têm entre 15 e 29 anos de idade (SEADE, 2021); ele conta com quatro (4) escolas da rede particular e dois (2) estabelecimentos públicos estaduais de ensino, para o atendimento obrigatório de jovens na etapa da escolarização do ensino médio e a modalidade de EJA. A cidade conta também com um estabelecimento público estadual de ensino técnico comercial, ligado ao Centro Paula Souza e outra escola de ensino técnico de competência da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo.

Para o atendimento à demanda social por educação superior, a cidade abriga duas instituições privadas de ensino, que oferecem cursos de graduação – bacharelado e licenciaturas, nas áreas das ciências exatas, biológicas e da saúde, ciências humanas e sociais e em áreas tecnológicas.

Em relação à escola-campo empírico deste estudo, o Censo Escolar de 2022 (MEC/INEP, 2022) indicou que ela possuía 24 funcionários, além de 34 professores distribuídos por todas as disciplinas da grade curricular da etapa do ensino médio – modalidade regular, educação de jovens e adultos e educação especial.

Naquele ano, ela contava com 779 matrículas no Ensino Médio, 92 na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e 7 matrículas na Educação Especial. Sua estrutura física contava com 17 salas de aula, uma sala para professores, sala de leitura, laboratório de informática, sala de atendimento especial, cozinha, sanitários no interior do prédio da escola, com acessibilidade para deficientes físicos, dois pátios – um coberto e outro sem cobertura, além de duas quadras de esporte, sendo uma delas coberta. Fornece alimentação, tem água filtrada, além de esgoto e da coleta de lixo diária. Possui também aparelho de televisão, aparelho de DVD, impressora, 76 computadores para o uso dos alunos, além de *Internet* com banda larga, sendo uma destinada à parte administrativa e outra destinada aos discentes, essa instalada no pátio da escola.

Já em relação aos níveis de desempenho e aprendizagem, a taxa de aprovação é de 96% perante 0,2% de reprovação e 3,8% de abandono. Já em relação ao Índice de Desenvolvimento da Educação (IDEB), com já citado anteriormente quando falamos do Ensino Médio no município, é de 4,1 pontos com meta de 4,6. A análise de proficiência em relação ao aprendizado encontra-se da seguinte forma: 3% proficiente (aprendizado adequado), 42% básico e 54% insuficiente. Por fim, ao falarmos em relação ao exame nacional do ensino médio (ENEM), a média geral é de 476 pontos o que não difere muito da média por áreas com 483 pontos nas Ciências Humanas, 443 nas Ciências da Natureza, 501 em Linguagens e Códigos, 478 em Matemática e 491 pontos em redação.

4.3 Os estudantes do ensino médio público que contribuíram com a pesquisa

Mesmo que nossos interlocutores sejam estudantes, filhos de famílias moradoras da área urbana de cidade de pequeno porte, marcada pela economia e cultura dos setores agropecuários e de serviços, os dados e informações sociodemográficos construídos revelam que eles são integrantes das novas gerações de adolescentes que têm contribuído para as mudanças dos processos de diferenciação social e étnico-racial do ensino médio brasileiro que vem ocorrendo desde as décadas iniciais deste Século, sobretudo a partir do estabelecimento legal da obrigatoriedade da etapa de finalização da educação básica (SPOSITO; SOUZA, 2014; SPOSITO; SOUZA; ARANTES E SILVA, 2018; SPOSITO; ALMEIDA, TARÁBOLA, 2020).

Do ponto de vista etário, interagi com estudantes com idades entre 15 e 19 anos, sendo que dos 38, a maior parte deles (34) tinha entre 15 e 18 anos de idade. Do total, dialoguei com 22 mulheres e 16 homens, todos solteiros; números que ecoam a

tendência nacional, que vem ocorrendo nas últimas décadas, de maior presença de jovens do sexo feminino no ensino médio brasileiro (ALMEIDA *et al* 2018; SPOSITO *et al*, 2018). No conjunto, 23 deles se autodeclararam não brancos: 05 se auto identificaram como pretos, 18 como pardos e 15 como brancos. Dos 38, 26 afirmaram ser heterossexuais, e os demais como bissexuais (7), pansexuais (2) e homossexual (1).

Quanto à renda mensal da família de origem dos participantes do estudo, temos que 6 estudantes declararam que a renda de seus respectivos núcleos familiares era de até 1 salário-mínimo¹³; 20 deles afirmaram que a família auferia mensalmente de 1 a 3 salários-mínimos¹⁴, e apenas 5 jovens informaram que suas respectivas famílias acessavam mensalmente entre 3 e 5 salários¹⁵; 9 alunos declaram que não sabiam a renda mensal do núcleo familiar. De uma perspectiva aproximativa e exploratória, é possível afirmar que os estudantes da escola pública que conosco estabeleceram interlocução pertencem a famílias das camadas baixa e das camadas médias urbanas da sociedade brasileira.

Mais de dois terços (30) dos alunos que participaram da pesquisa registraram que estudavam e não trabalhavam; os demais (8) declararam que combinavam os tempos e ritmos da escolarização com o exercício de alguma atividade laboral remunerada. Diante destes dados, e em conformidade com o registrado por Sposito *et al.* (2018), é possível afirmar que

se o engajamento em atividades laborais ainda é dimensão relevante na vida de adolescentes, as estatísticas nacionais já há algum tempo acenam um progressivo afastamento dos jovens de 15 a 17 anos do mundo do trabalho. Esse movimento ainda é marcado por assimetrias, mas, comparada a seus coetâneos mais velhos ou às outras gerações, a atual coorte de adolescentes brasileiros tem, ao menos tendencialmente, a escola como principal vínculo institucional (Idib, p. 7)

Dessa forma, e ainda em concordância com Sposito *et al.* (2018), a produção do conhecimento sobre os jovens brasileiros, sobre

a condição juvenil e [as] vivências de moças e rapazes de 15 a 17 anos está cada vez mais relacionada àquilo que experimentam na escola e às tensões de se viver a condição de estudante, o que não significa subsumir suas experiências à dimensão estritamente escolar e estudantil (Idib, p. 5).

¹³O salário-mínimo nacional em 2022 foi de R\$1.212,00.

¹⁴R\$1.212,00-R\$3.636,00.

¹⁵R\$3.636,00-R\$-6.060,00.

Os resultados da pesquisa feita por Sposito *et al.* (2018) que, em décadas recentes, o ensino médio adquiriu centralidade nas vivências de estudantes brasileiros que frequentam esta etapa da educação básica, não nos desonera de chamar a atenção para o fato de que as estudantes mulheres de nossa pesquisa, menos que os estudantes homens, são as que contribuem, com maior número de horas, para o trabalho doméstico.

No conjunto dos dados sobre os planos socializadores e de sociabilidades dos estudantes, foi possível também apreender que relações com determinadas confissões religiosas também estão presentes nas vivências juvenis deles, pois dentre os 38 estudantes apenas 6 deles informaram que não têm adesão a uma confissão religiosa. Quanto às relações com a religião, os dados deste estudo estabelecem convergências e distanciamentos com os resultados de pesquisas sobre filiação religiosa realizadas com amostras nacionais, na última década. Em 2019, o estudo do Datafolha (2019) expôs que no País estava ocorrendo um crescimento do número de brasileiros que afirmavam ser evangélicos em relação aos que admitiam confessar outras religiões; os resultados também demonstraram o aumento do número de pessoas que afirmaram ser filiadas ao espiritismo ou à religiões afro-brasileiras e, ainda, uma ampliação do número de brasileiros em geral, e de jovens em particular, que declararam não ter religião (NOVAES, 2018; DATAFOLHA, 2019; PESTANA, 2021). Entre os estudantes que participaram desta pesquisa constou-se uma aproximação nos números daqueles que informaram adesão ao catolicismo (15) e os que disseram ser evangélicos (13). Dos 38 jovens, 6 declararam adesão à umbanda, 1 ao espiritismo, e 6 jovens registraram que não tinham adesão a confissões religiosas.

Do ponto de vista das interações estabelecidas e vivenciadas pelos estudantes mediante o envolvimento com movimentos ou grupos juvenis, pode-se apreender que um número expressivo deles, 14, se vinculavam a coletivos religiosos, 10 a grupos esportivos, e em menores números, alguns deles se envolviam com grupos de voluntariado (4), coletivos estudantis (4) ou de meio ambiente (2). Estes dados são significativos do ponto de vista da compreensão da diversidade de interações e relações que eles constroem e vivenciam para além das experiências da vida escolar. Os dados construídos também são relevantes, pois evidenciam que somente 4 alunos admitiram envolvimento com grupos estudantis, todavia, eles se formam e se constroem como atores sociais mediante o estabelecimento de vínculos com ações coletivas em torno da religião, dos esportes e socioambientais.

Por fim, mas não menos importante, à época da realização dos grupos de discussão, todos os participantes afirmaram que portavam *smartphone* e acessavam a *Internet* para a prática e vivência de atividades sociais e culturais variadas, tanto nos ambientes do estabelecimento escolar como em ambientes externos a ele.

Com os dados acima, é possível categorizar a amostra e reforçar o que outros autores já disseram. No entanto, como sujeitos que vivem seu próprio contexto e formam discursos e impressões sobre como vivem suas experiências, partimos para o grupo de discussão.

Tabela 10: Dados sociodemográficos dos estudantes do ensino médio público que colaboraram com a pesquisa, 2022

Categorias	Frequência 1º ano	Frequência 3º ano	Frequência total
Idade			
15 anos	7	0	7
16 anos	3	0	3
17 anos	4	10	14
18 anos	2	8	10
19 anos	0	4	4
Sexo			
Masculino	7	9	16
Feminino	9	13	22
Orientação Sexual			
Heterossexual	12	14	26
Homossexual	0	1	1
Bissexual	4	3	7
Pansexual	0	2	2
Não respondeu	0	2	2
Cor da pele/Raça-Etnia			
Branca	8	7	15
Preta	5	0	5
Parda	3	15	18
Confissão Religiosa			
Protestante	6	7	13
Católico	4	11	15
Umbanda	2	1	3
Espírita	0	1	1
Não tem	4	2	6
Prática Religiosa			
Praticante	11	13	24
Não praticante	4	7	11
Sem resposta	1	2	3
Salário médio mensal da família			
Até 1 salário	3	3	6
1-3 Salários	7	13	20
3-5 Salários	2	1	3
Não sei	4	5	9
Trabalha fora de casa			
Sim	4	4	8
Não	12	18	30
Trabalham e Recebem			
Sim	4	4	8
Não			
Tempo de Trabalho Doméstico			
Não faz	2	0	2
Menos de 1h	3	7	10
Entre 1-2h	9	8	17
Entre 2-3h	0	4	4
Mais de 3h	2	3	5
Grupos que participam			
Meio ambiente	2	0	2
Religioso	4	10	14
Esportivo	3	7	10
Estudantil	1	3	4
Voluntário	3	1	4
Melhorias na comunidade	1	0	1
Outros (Rotary)	1	0	1
Não participam	7	19	26

Fonte: Do autor, 2023- Resultados elaborados a partir aplicação do questionário sociodemográfico.

4.4 Dados e indícios construídos a partir dos grupos de discussão

Na realidade brasileira, ainda que nas últimas duas décadas o telefone móvel tenha se tornado uma das principais mediações que os membros das novas gerações se apropriam para acessar a Internet e nela estabelecer interações, vivenciar quadros de socialização distintos dos tradicionais processos socializadores gestados pela modernidade, a partir da década de 2.000 o poder legislativo de alguns estados do País, caso da assembleia legislativa do estado de São Paulo, criou e impôs norma legal visando impedir que as novas gerações de estudantes - crianças, adolescentes e jovens, das etapas do ensino fundamental e do ensino médio, utilizassem o telefone celular no interior da sala de aula¹⁶.

Em 2007, a poder legislativo do estado de São Paulo, pela Lei nº 12.730 estabeleceu que “os alunos estavam proibidos de usar o telefone celular durante as aulas, nos estabelecimentos de ensino do Estado”¹⁷. Após dez anos, em 2017, a Assembleia Legislativa alterou a norma e promulgou a pela Lei nº 16.567: ela manteve a proibição do uso do dispositivo móvel no interior da sala de aula, mas flexibilizou o acesso e utilização do aparelho, caso eles se prestassem a finalidades pedagógicas.

Nos dois textos legais não se encontra indicação de qual(ais) sujeito(s) – individual(ais) ou coletivo(s), no interior dos estabelecimentos de ensino teria(m) é a responsabilidade por acompanhar e controlar os estudantes que acatavam ou não as leis acima citadas, e, no caso de descumprimento à legislação qual(is) seria a sanção e como ela seria aplicada aos alunos. Assim, acatar ou não as normas legais sobre o não uso do telefone celular no interior da escola, especialmente na sala de aula, seria uma ação de vontade e respeito de cada estudante, numa espécie de ação que apelaria à autocontenção e autodisciplina da vontade de crianças, adolescentes e jovens, com idades entre 5 e 17 anos de idade, alunos do ensino fundamental e ensino médio.

Em 2022, tendo em vista os desafios impostos ao contato social e as interações face a face pela pandemia da Covid-19, bem como a adoção de dados móveis e de ferramentas e equipamentos tecnológicos - como o telefone celular - para a realização

¹⁶Casos como o do poder legislativo do estado de São Paulo (2007;2017), temos, por exemplo, os dos parlamentos estaduais de Minas Gerais (Lei nº 14.486/2002), do Distrito Federal (Lei nº 4.131/2008), do Paraná (Lei 18118/2014), do Ceará (Lei 14146/2008), entre outros.

¹⁷ A redação do artigo único da Lei é ambígua, contudo, neste caso, entende-se que as determinações da citada Lei valiam tanto para as escolas públicas como privadas.

dos planos de ensino das escolas públicas estaduais paulistas (São Paulo, 2022), a Secretaria Estadual de Educação de São Paulo flexibilizou as normas contidas nos textos legais citados.

Assim, quando da realização dos grupos de discussão, tomei o tempo de ocorrência do período da pandemia, em seus momentos de maiores restrições ao contato social face a face, como um marcador nas interlocuções estabelecidas como os estudantes do 1º e do 3º ano do ensino médio.

Como demonstrado em páginas anteriores desta seção, os jovens estudantes que colaboraram com este estudo, nasceram em anos iniciais da década de 2.000, são filhos e filhas de famílias dos estratos socioeconômicos menos abastados da classe média de pequena cidade do interior paulista. No conjunto dos jovens brasileiros e paulistas, duas marcas que os tornam diferenciados são as que indicam que como alunos do ensino médio da escola pública, grande parte deles (30 estudantes) iniciaram a vida juvenil tendo apenas por ocupação a condição de estudantes, pois entre eles, 4 estudantes mulheres e 4 homens combinam as ocupações de estudante e trabalhado, razões pelas quais adotou-se a noção de juventude no plural nesta pesquisa, tal como sugerem autores como Bourdieu (1983), Pais (1993), Margulis e Urresti (1996), Dayrell e Carrano (2014) Júnior e Bungenstab (2018), Sposito *et al* (2018) e Carrano (2021).

A vivência de um início diferenciado da juventude dos sujeitos deste estudo também se confirmou na medida em que, no momento da pesquisa, a maior parte deles tinha as características de adolescentes e estudantes da escola pública brasileira que acessavam e eram usuários das novas tecnologias da informação e comunicação – smartphone e Internet (CGIBR, 2017; CGIBR, 2019; CGIBR, 2021), e as usavam para estabelecer interações sociais cotidianas, no mundo escolar e fora dele, e se construírem com indivíduos como Martuccelli (2002).

4.5 O uso do telefone móvel e da Internet no interior do espaço escolar antes da pandemia

Alguns alunos e alunas do primeiro ano do ensino médio que colaboraram com a pesquisa, relataram que antes da pandemia eles estavam matriculados no 8º ou 9º ano do ensino fundamental em outras escolas públicas estaduais da cidade e lembraram que não tinham telefone móvel; os que tinham recordaram que acatavam a interdição do uso

desta mediação dentro da sala de aula, mas o acessavam e dele utilizavam em outros lugares da escola:

Eu não tinha celular! (Aluno, 1º ano)

Eu até tinha, mas não podia levar para a escola e nem mexer
(Aluna, 1º ano)

Pesquisador: Quem mais?

Eu também não podia! (Aluna, 1º ano)

[Eu usava] só no recreio e na educação física, escutando música! (Aluno, 1º Ano)

Por outro lado, alguns estudantes, ao lembrarem que já portavam telefone celular quando alunos do ensino fundamental, falaram que o levavam “escondido” para a escola e faziam uso dele na sala de aula com atividades que não tinham ligações com as práticas didático-pedagógicas e de ensino e aprendizagem das diferentes disciplinas do currículo escolar. Uma das alunas descreveu algumas práticas astuciosas que ela e seus pares lançavam mão para usar o *smartphone* em situações cotidianas no grupo de ensino, antes da ocorrência da pandemia, mesmo que tivessem em conta a proibição do uso deste dispositivo:

Eu usava na sala de aula! (Aluna, 1º ano)

Pesquisador: Mas, e se o professor visse?

*Ele não via, eu era “Matrix”!*¹⁸ (Aluna, 1º ano)
Todos: *Escondido!!! Vishhh... tá tudo de boa!!!*
(Alunos e alunas do 3º ano)

[Eu] usava para escutar música! (Aluna, 3º ano)

Nas intervenções de outros estudantes, têm-se falas semelhantes às dos alunos acima; eles discorreram sobre como, à época, não observavam a regra de interdição do

¹⁸Nesse trecho, ao afirmar que usava o celular no interior do grupo de ensino mediante a adoção de práticas astuciosas, Rafaela constrói uma narrativa que apela para a fantasia e a dramatização, na medida em que se descreve como sendo portadora de habilidades especiais, não compartilhadas por seus colegas de turma, pois é fisicamente capaz de realizar movimentos corpóreos em câmera lenta que lhes permite desviar de perigosos tiros de armas de fogo. Trata-se de referências feitas pela estudante às consagradas edições dos filmes *Matrix* dos estúdios Warner Bros (1999; 2003; 2021).

uso do celular na escola. Acessavam e usavam o telefone celular e a Internet para realizar atividades individuais e furtivas de lazer, valendo-se, às vezes, da cumplicidade amistosa de determinados professores e professoras, como uma forma de “desatenção civil”¹⁹ dos docentes em relação aos alunos, na sala de aula (GIDDENS, 2008. p. 81):

[Eu] jogava Free fire! (Aluno, 3º ano)

Pesquisador: Você jogava com mais alguém da sua sala, de outra sala?

Sozinho: eu e Deus, dentro da sala de aula! (Aluno, 3º ano).

Pesquisador: E qual era a reação do professor, ao ver você jogar?

Ele não sabia não, era escondido..... e quando ele [via], eu guardava! (Aluno, 3º ano)

Nunca deu nada! (Aluno 3º ano).

Só que quando eles estão explicando, eles não gostam que mexe... Mas, eles também não falam nada, não! (Aluna, 3º ano)

Quando os estudantes afirmaram que, no mundo virtual, estabeleciam interações síncronas com as atividades pedagógicas propostas pelos docentes, eles enfatizaram que os professores notavam os usos autônomos e recorrentes do celular, porém, segundo alguns deles, os professores até os repreendiam, mas, ao mesmo tempo, os mesmos alunos e alunas observaram que mantinham uma frágil relação com o que se costuma entender como autoridade docente.

[Eu usava] escondido da professora: Whatsapp, Instagram! (Aluno, 3º ano)

Pesquisador: E a professora, ela chegou a, alguma vez, pegar você usando?

Várias vezes..... Ela queria me mandar prá fora [da sala de aula], mas eu não ia não. (Aluno, 3º ano)

¹⁹Anthony Giddens (2008, p.81) atribuiu ao sociólogo Erving Goffman a expressão “desatenção civil”, e ao mesmo tempo, chamou nossa atenção para como ela pode contribuir para entendermos os sentidos intersubjetivos de algumas interações sociais construídas pelos indivíduos na vida cotidiana. Sobre aquela expressão goffiniana, escreveu o sociólogo britânico: ela “não é, de modo nenhum, o mesmo que ignorar a pessoa. Cada indivíduo demonstra ao outro o reconhecimento da sua presença, mas evita qualquer gesto que possa ser entendido como intromissão. Demonstrar desinteresse civil é algo que fazemos de forma mais ou menos inconsciente, mas é de uma importância fundamental no nosso dia a dia”.

Neste contexto, eles e elas não deixaram de admitir que os professores agiam no sentido de tentar fazer valer o respeito à regra do não uso do celular no interior da classe, mas os alunos demonstraram também que desconsideravam as orientações de seus docentes, se opondo e se recusando a sair da sala de aula. Ao descreverem as práticas que realizavam, eles deram indícios de que as interações com alguns docentes eram também moduladas por tensões, e que é muito possível que na atualidade a autoridade docente repousa muito pouco na tradição; eles dão sinais de que as interações entre professores e alunos, entre adultos e jovens, na sala de aula e na escola com um todo, repousem mais em relações de poder marcadas pela horizontalidade do que em relações de poder verticais, assimétricas (SPOSITO *et al.*, 2020).

Apresentei acima as narrativas dos estudantes que participaram dos grupos de discussão a cerca do uso do telefone móvel no interior da escola e na sala de aula em momentos anteriores a ocorrência da pandemia da Covid-19, pois com o surto que tivemos no País, as relações e interações que alunos e professores do ensino fundamental e médio (também na educação superior) estabeleceram, por mais de doze meses, foram na maioria das vezes mediadas pelas novas tecnologias da informação e comunicação, entre elas o telefone celular e a *Internet*. Mais à frente, antes de finalizar esta seção, retomarei as vivências construídas pelos estudantes deste estudo, contando com a mediação do smartphone e da *Internet*, nos períodos da epidemia em 2020 e 2021.

4.6 Usos do telefone móvel e da Internet no interior do espaço escolar e da sala de aula no pós-pandemia

Neste item do texto, apresento e analiso os relatos dos alunos e alunas sobre os lugares e os momentos que, no interior da sala de aula e da escola, eles e elas acessavam e usavam o celular e a *Internet*, mas agora, após um tempo em que eles tiveram que construir vivências e experiências individuais e sociais que impuseram o uso diário e contínuo daquelas duas mediações culturais, e também num momento em que as determinações da Lei que interdita o uso do telefone móvel na escola precisam ser revistas, tendo em vista o acúmulo que o surto do Covid 19, como uma “questão

pública” (MILLS, 1982. p, 15)²⁰, impôs para todos os brasileiros, de todas as classes sociais, de todas as idades, independentemente da cor da pele/raça-etnia, de seu sexo, de orientação sexual, da escolaridade que cada pessoa conseguiu conquistar.

No contexto pós-pandêmico, pelos relatos dos estudantes, percebe-se a forte desconsideração deles com a norma que interdita o uso do celular na escola, além também de se evidenciar as indiferenças de alunos e alunas em relação à regra, assim como as ambivalências e tensões que permeiam as relações professor-aluno, das relações de ensino-aprendizagem no interior da sala de aula - momentos em que, segundo eles, davam “um migué”²¹ em alguns professores, mesmo naqueles que tentavam cercear o uso do telefone celular no grupo de ensino.

Vishhhhh... tá tudo de boa! (Aluno, 1º Ano)

Aqui é tranquilo para mexer, pode usar o celular! (...) Só que quando eles estão explicando, eles não gostam que mexe, mas eles também não falam nada, não! (Aluna, 1º ano).

A gente usa..... um pouquinho! (Aluno, 3º ano)

Não, [o professor não vê], ué! [Se ver], ele fala um pouco na nossa cabeça... Masss.... se você ‘der um migué’, você vai ter uma argumento. (Aluna, 3º ano)

Tem professor que não vai falar nada, mas tem [uma professora aqui que] vai argumentar! (Aluno 3º ano)

Todos: Risos!!!!

Pesquisador: Então, a professora de (...) cobra mais de vocês?

A gente ‘dá migué’!!! (Aluno, 3º ano).

Diante das sequências de relatos acima expostos, tanto de estudantes do 1º como dos que estava no 3º ano do ensino médio, pode-se perceber certo *continuum* nos modos como os jovens usam e acessam o telefone móvel e o celular na sala de aula, nos tempos

²⁰Em *A imaginação sociológica*, Wright Mills (1982, p. 14-15), quando escreve sobre as relações que podemos verificar entre a história, a biografia e a sociedade, faz uma distinção entre as “perturbações” e as “questões públicas”. Para o sociólogo, se as “perturbações” ocorrem dentro do caráter do indivíduo e dentro do âmbito de suas relações imediatas com os outros”, por outro lado, as “questões públicas” relacionam-se com assuntos que transcendem esses ambientes locais do indivíduo e o alcance de sua vida íntima”.

²¹]’Dar um migué” pode ser entendida como uma expressão nativa, também usada pelo estudantes deste estudo, que tem por significados: “enganar”, “enrolar”, “inventar uma desculpa” qualquer, dar uma de “esperto”, “mentir”, “faltar com a verdade”. Disponíveis em: <https://www.dicionariopopular.com/mandarum-migue/>; <https://blogabre.com.br/2022/06/22/de-onde-surgiu-o-migue/> . Acessado em junho de 2023.

pré e pós-pandêmico; a partir dos diálogos que estabeleci com eles, também não foi possível apreender grandes diferenças no acesso e uso àquelas mediações culturais entre os que estavam chegando à etapa do ensino médio e nos que estavam, em tese, partindo da escola de educação básica.

Também entre os estudantes que comigo estabeleceram diálogos, constatei o que Pereira (2010) identificou em sua pesquisa de doutorado, quando estabelece interlocuções com jovens estudantes de escolas situadas em bairro da periferia do município de São Paulo que detectou que, entre alunos e alunas, os telefones celulares eram acionados em sala de aula de modo cômico, jocoso, festivo e agonístico (embate), ou mesmo como um importante instrumento de zoeira ou causação, desestabilizando o cotidiano e a ordem institucional das escolas. Sons de animais ou personagens de desenhos animados eram acionados para provocar os professores. Tanto na pesquisa de Pereira (2010) como no estudo que realizei, pode-se compreender que o acesso e os usos que os estudantes fazem do telefone móvel (e também da *Internet*) provocam embates e tensões com a ordem do mundo escolar vigente, demonstrando que a instituição escolar não detém mais a centralidade nos processos de socialização dos integrantes das novas gerações (DUBET, 1994), nem nos modos como os jovens, estudantes e “nativos digitais”²² tecem sociabilidades no interior da sala de aula e em outros lugares da escola.

Aqui, retomo as reflexões Sales (2014), pesquisadora já citada neste trabalho que, ao dialogar com as contribuições contidas no texto *Manifesto Ciborgue* de Donna J. Haraway (2000), observou que entre os docentes da escola básica ocorre, atualmente, uma certa inquietude em relação à juventude ciborgue, pois parece haver uma não compreensão destas novas formas juvenis de compreender a própria vida, existindo inclusive uma sensação de perda de privilégio por parte dos professores. Fora o fato do jovem ciborgue, segundo a pesquisadora, ter mais desenvoltura no ciberespaço do que os professores, colocando em xeque a relação de poder e das hierarquias de saber dentro da sala de aula. Nota-se uma tensão entre gerações, inclusive pela não compreensão da mais velha em relação a mais nova, gerando, como já citado anteriormente, perda de privilégio e poder por parte dos mais velhos, no caso os professores.

Sobre os processos de mutações afirmados acima os quais tocam de forma irreversível as e interações sociais que estudantes e professores estabelecem na escola

²²O uso da expressão “nativos digitais” está baseado no trabalho de Maria Cristina Gobbi (2009), que tem por título *Nativos digitais na sociedade tecnológica: desafios para o século XXI*.

de ensino médio, recorreremos aos resultados de um estudo transnacional sobre a participação de jovens do ensino médio na esfera escolar, no qual Sposito *et al.* (2020) enfatizam o não reconhecimento das escolas desses novos jovens que carregam necessidades, demandas e desejos, além de serem atores de sociabilidades criativas, gerando tensionamento, reconstrução de lugares, de papéis e de expectativas. Há mutações, portanto, nas trocas culturais e nas relações de poder entre os adultos-professores e os adolescentes-estudantes, que muitos profissionais que atuam na educação básica demonstram dificuldades de assimilar e compreender.

Até o momento, diante dos resultados construídos pelo estudo que realizei, assim como os resultados de estudos como Pereira (2010), Salles (2014), Santos e Schoroeder (2023), é possível reforçar a ideia de que os jovens-estudantes da educação básica, amparados por seus “suportes tecnológicos” (BARRERE, 2016), e em exercícios de autonomia, acessam e navegam pela *Internet*, no interior do mundo escolar, sobretudo na sala de aula, e dessa forma agem no sentido de provocar tensões nas relações de poder que estruturam a dinâmica social da escola que frequentam, e na qual vivenciam o duplo estatuto de estudantes e jovens. No entanto, estas mudanças não parecem conduzir a produção de conflitos, elas portam uma força social para produzirem o que alguns autores chamam de crise (SANTOS; SCHOROEDER, 2023). Sim, crise ou crises, pois como afirmou Anne Barrère (2016), desde a década de 1970 os jovens têm atuado no sentido de produzir seus próprios processos de socialização e sociabilidades fora do mundo escolar, se aproximando muito dos processos e experiências socializadoras que Margarete Mead (2002) qualificou de co-figurativos.

Com os grupos de discussão foi possível também ouvir e registrar relatos dos estudantes que davam ênfase aos usos que fazem do telefone móvel e da *Internet* no interior da escola para enriquecerem sociabilidade implicadas em encontros, passeios e “rolês” que eles vivenciam aos finais de semana, todos combinados pelas redes sociais. Nas redes sociais, como por exemplo, o *Whatsapp* e o *Instragram*, eles também se dão a ver e veem, mediante as postagens de fotos, trocam impressões e juízos sobre festas, encontros, e “rolês”.

Pesquisador: Na internet? Vocês tem grupo?

Sim! (Aluna, 1º ano)

Pra conversar, pra zoar (Aluna do 1º ano)

Pesquisador: pra conversar, e vocês conversam sobre o que?

Vishhhh..... de tudo!!! (Aluna, 1º ano)

Pesquisador: *Mas, o que vocês conversam?*
O rolê do fim de semana. (Aluna, 1º ano)
As atividades que 'nóis faz', às vezes. (Aluna do 3º ano)

Pesquisador: *Postam as atividades, festas?*
Sim, o Instagram! (Aluna, 3º ano)
 Geral: *É legal, posta o que a gente faz, posta foto nossa.*
(Alunos do 3º ano)
Véspera de prova, festas.....(Aluno, 3º ano)
 Antônio: *sobre os jogos... (Aluno, 3º ano)*
As festas, o calendário, às vezes quando a gente vai entrar de
férias, quando vai voltar as aulas. (Aluna, 3º ano)

É também nas redes sociais que eles se integram e mantêm interações sociais, além de firmar o pertencimento à escola em que estudavam, no entanto sem fazer críticas diretas a instituição, na qual eles também atuam coletivamente na realização de atividades culturais, aos docentes e ao currículo. Contudo, através das redes sociais eles apuram o olhar e o julgamento sobre os pares, demarcando os estranhamentos, as diferenças e divergências que recortam as relações e interações que eles conformam sob um mesmo teto durante o ensino médio.

Pesquisador: *quando vocês tiravam foto, vocês postavam nas redes sociais?*
Sim, postava e marcava a escola! (Aluno, 3º ano)

Pesquisador: *A escola tem um instagram?*
Tem! (Aluno, 3º ano)
 Pesquisador: *Então, me fala uma coisa,(...) lá no Instagram, que tipo de informação a Escola traz para vocês?*
Porque tem informações que são úteis e tem informações que não são tão úteis. (Aluna, 3º ano).

Pesquisador: *O que seria, lá no Instagram da escola, uma informação que não seria útil?*
Fotos de alunos que não ajudaram a fazer nada. Fazer um evento, por exemplo. (Aluna, 3º ano)
Nada contra isso, mas muita gente faz as coisas para acontecer o evento na escola..... Aí, tem uns que pegam glória simplesmente porque está lá. Ali, entendeu? E os outros que ajudaram ficam apagados. (Aluna 3º ano)

Pesquisador: *Mas, esse tipo de questão, vocês levam para a direção, para a coordenação?*
 Todos: *Não! (Alunos, 3º ano)*

Os estranhamentos, as divergências e as ambivalências que eles relataram existir no plano das sociabilidades e das amizades no interior do cotidiano escolar e que fazem

parte da cultura escolar da qual eles também são partícipes, atores, se explicitam também no caso da fofoca e até mesmo nas rixas e brigas!

As brigas da escola. (Aluno, 1º ano)

As brigas da escola, piquenique..... (Aluna, 1º ano)

Pesquisador: tem piquenique e briga também?

Pesquisador: Então, vamos por partes: o piquenique é legal, funciona?

Geral: *Simmmm!!!* (Alunos, 1º ano)

Até professor participa! (Aluno, 1º ano)

Sob a dimensão das interações que levam os estudantes deste estudo às festas, aos jogos, ao prazer da convivência, também às rixas, às rugas, às brigas, recorri a Sibilia (2012), pesquisadora já referenciada em páginas anteriores, que defende que as novas tecnologias da informação e comunicação incentivam a produção de novas sociabilidades, sobretudo entre crianças, adolescentes e jovens, com várias lógicas de ação. Isso é notável na fala dos alunos e alunas que comigo dialogaram, pois eles dizem conversar, “zoar”, combinar o fim de semana, combinar o piquenique na escola com a presença de professores, mas também acessar nas redes sociais o calendário e matéria de prova e até mesmo, usar o celular para colar durante as avaliações. Percebem-se várias lógicas de ação, portanto, no uso do celular pelos estudantes. Já em relação ao ato de usar o celular para colar na prova, podemos reforçar o que foi dito anteriormente por esta pesquisa: a infração da norma. Corti (2014) ao discutir as relações que os jovens-alunos estabelecem com a escola, aponta que os estudantes têm suas próprias sociabilidades, suas interações com formação de grupos, sua própria cultura, linguajares e estilos próprios buscando reconhecimento dos seus pares.

Porém, como evidenciado no fim do diálogo exposto anteriormente, nem sempre a sociabilidade é positiva, pois muitas vezes aparecem rugas entre estudantes a respeito de terem feito ou não uma atividade e ganhar espaço nas redes sociais, como presente na fala da Laís: *“nada contra isso, mas muita gente faz as coisas para acontecer o evento, na escola, aí tem uns que pegam glória simplesmente porque está lá. Ali, entendeu? E os outros que ajudaram ficam apagados”*. O que o pesquisador ainda insiste: *“mas esse tipo de questão, vocês levam para a direção, para a coordenação?”* o que todos respondem: *“Não”*.

Tanto no fato citado acima, a injustiça relatada pela aluna do 3º ano, quanto outros casos que descreverei a seguir, a questão da fofoca, nota-se que alunos e alunas

tendiam a não levar as questões de interesse ou mesmo problemáticas para a direção da unidade escolar, não explicitando as divergências, impasses e mesmo embates nos canais institucionais de participação discente. Em relação a isso, ancoro-me em Sposito *et al.* (2020) para falar dos sentidos do silêncio entre os jovens alunos e alunas do ensino médio da atualidade. Para os pesquisadores, existem várias interpretações sobre o silêncio entre aqueles sujeitos e um deles, no qual me sustento, é aquele que entende que o estudante, no interior da escola, vivência uma condição de subalternidade, sem mecanismos que efetivamente possa assegurar a possibilidade de fala no espaço público. Ainda afirmam que nesse jogo de sociabilidade entre jovens e seus pares e com os adultos, há um ir e vir entre o falar e o calar. E os pesquisadores vão além, em diálogo com Le Breton (1997), eles mostram que há na instituição escolar o monopólio da fala e da palavra, mas, em contrapartida, a busca do direito à fala, por parte dos alunos, seria uma forma de reestabelecer a paridade. Portanto, nos dois momentos mencionados pela aluna acima, o caso da injustiça e da fofoca, podem ser analisados baseados nessas mesmas ideias, pois não se viu uma continuidade das questões a serem resolvidas junto à coordenação/direção.

Assim como Pereira (2010) identificou no estudo que realizou junto a jovens estudantes de escola pública da região norte da cidade de São Paulo, também nos relatos dos jovens estudantes deste estudo, o tema e as questões relativos à fofoca também foram enfatizadas.

Pesquisador: (...) Você falou de fofoca. E aí, como é que é a fofoca?

Uai, é uma coisa que acontece na escola! *Por exemplo, alguém brigou, vai lá e comenta no grupo.... Se falou de alguém... a gente posta no grupo.* (Aluna, 1º ano)

Pesquisador: Mas e se esse alguém está dentro do grupo? Do grupo de Whatsapp?

Eles falam mesmo assim: “então vem me bater”!!! (Aluna, 1º ano)

Pesquisador: Mas, como é que fica essa relação, depois?

Normal (Aluna, 1º ano)

Pesquisador: Alguém da escola interfere nisso, depois?

Não! (Aluna e Aluno do 1º ano)

Pesquisador: (...) Vocês têm grupos?

Todos: *Têmmm*

Grupo de whatsapp... de fofoca (Aluna, 3º ano)

Pesquisador: (...) O grupo de fofoca, tem algum objetivo?
Tem, ô se tem. Tem muito!!! A gente fica sabendo da vida de todo mundo, o que todo mundo fez ou deixou de fazer. (Aluna, 3º ano)

Pesquisador: O [telefone] celular e a relação de vocês têm aspectos positivos e negativos, né? O positivo, é passar tarefa, e o negativo é a fofoca?

Todos discordam do pesquisador: *Não, não.....*

É ao contrário. (Aluno, 1º ano)

Fofoca é positivo... a gente fica sabendo das coisas. (Aluna, 3º ano)

Elias (2000), em *Os estabelecidos e os outsiders*, tratou do tema fofoca, quando analisou o conjunto de relações que estabeleciam grupos de moradores distintos de uma comunidade do interior da Inglaterra, e trouxe várias perspectivas de compreensão sobre esta conduta social. Se em Elias a fofoca tinha o sentido social de garantir as relações de poder entre os velhos e os novos moradores da comunidade que ele analisou, ela também tinha a função social de garantir o “entretenimento” entre os indivíduos e os grupos. Neste ponto podemos fazer um paralelo com os estudantes que contribuíram com esta pesquisa. Na fala de alunas do grupo do 1º ano, a fofoca estava presente e ela era algo “normal”, fazia parte das relações e interações que eles estabeleciam dentro e fora do ambiente escolar, posição que foi reforçada por seus pares. Mesma posição sobre a fofoca tiveram os alunos e as alunas do grupo do 3º ano, pois uma delas foi enfática em afirmar que grupo de *Whatsapp* tinha uma função reconhecida por todos: a fofoca, pois nele “*a gente fica sabendo da vida de todo mundo, o que todo mundo fez ou deixou de fazer*”. Aqui podemos pensar e relacionar a fofoca com o entretenimento, como evidenciado por Elias (2000).

No entanto, a fofoca também pode ter outras conotações. Segundo Elias (2000), elas podem ser um sinal de depreciação, rejeição e intolerância ao outro, indivíduo ou grupo. No caso da pesquisa por ele realizada, os moradores compreendidos como estabelecidos na aldeia desdenhava e estabeleciam uma relação hierárquica, de superioridade, em relação aos moradores *outsiders* cosmopolitas do novo loteamento. Para Elias, a fofoca pode ser compreendida também como um meio de controle social, ou seja, uma forma de controlar, subordinar e mesmo oprimir o “estrangeiro”, o que chegou a pouco tempo ao coletivo, a comunidade estabelecida e a eles ainda não se integrou, ainda não se adaptou satisfatoriamente ao comportamento padrão, aos códigos culturais e as relações de poder predominantes. No caso da nossa pesquisa, expõem-se

ainda alguns relatos dos estudantes do grupo do 3º ano que permitem ao leitor avaliar o sentido que para eles tinha a fofoca no interior da escola, potencializada pelas novas tecnologias da informação e comunicação. A fofoca com tom depreciativo, no caso dos grupos de discussão, não gerou um consenso entre os alunos, ao menos não entre os alunos do 3º ano.

Pesquisador: Esse tipo de acontecimento, o grupo de fofoca, você falou que fica sabendo da vida das pessoas, isso gera alguma consequência negativa na relação entre vocês?

Não! (Aluna, 3º ano)

Sim! (Aluna, 3º ano)

Ãh..... sim, depende... (Aluna, 3º ano)

Só quando as pessoas 'pega ar! As pessoas 'pegam ar e elas tiram satisfação com a gente que falou uai! (Aluno, 3º ano)

Pesquisador: Ahhmmm, então em um grupo de fofoca, uma pessoa pode sentir ofendida?

Pode! (Aluno, 3º ano)

Pesquisador: E aí, como se resolve isso?

Uai, aí você tem que mostrar para a direção de onde saiu...(Aluno, 3º ano)

Pesquisador: Tem algum mediador aqui na escola?

Não! (Aluna, 3º ano)

Dá discussão que eles realizaram, tanto no grupo do 1º ano como no do 3º ano, pode-se afirmar que os debates suscitados pelo tema da fofoca foram intensos, geram convergências, divergências, consensos e dissensos, pois em alguns casos por eles vivenciados os implicados na fofoca que se reproduzia, tomaram a posição de enfrentamento físico, mesmo: *“eles falam mesmo assim: “então, vem me bater!!!!”* (Aluna, 1º ano).

Outro assunto que também me chamou a atenção nas falas dos alunos no grupo de discussão foi a zoeira. Segundo uma aluna do grupo do 1º ano, ao falar sobre o que transcorria nos grupos de *Whatasapp*, lembrou que neles ocorriam vários tipos de interação, como, por exemplo, o conversar e o zoar. Relato que foi reforçado pelo aluno do grupo do 3º ano. Nas palavras deles e delas:

Pesquisador: Na internet, vocês tem grupo?

Sim! (Aluna, 1º ano).

Pesquisador: Vocês afirmaram que tem o grupo que passa cola, o que passa tarefa e cola. E o que mais?

Pra conversar e pra 'zoar'.... (Aluna, 1º ano)

Tem um grupo de whatasapp... tem de zoeira, também. (Aluno, 3º ano)

Pereira (2010) na sua pesquisa com jovens da periferia de São Paulo evidenciou a presença da zoeira na escola, assim como evidenciamos em nossa pesquisa. Estes momentos de descontração aconteciam, segundo o pesquisador, principalmente no intervalo entre as aulas, mas também durante elas, portanto em todos os momentos das relações entre os jovens e os professores e entre os próprios alunos.

Apesar de não termos conseguido aprofundar a questão da zoeira com os alunos durante nosso grupo de discussão, tanto na turma do 1º ano como na turma do 3º ano, podemos pensar em algumas hipóteses a respeito do que elas poderiam representar. Romper a ordem e desestabilizar o cotidiano da sala de aula, desafiando direta ou indiretamente um professor é uma possibilidade, já desconcertar uma vítima como forma de depreciação é outra. Possibilidades estas como relatadas por Pereira (2010) em seu estudo.

Ainda nesta seção, o último item que pretendo abordar, mesmo que brevemente, é aquele que se associa com as relações e interações sociais que os jovens estudantes desta pesquisa estabeleceram fora da escola, mas tendo o conjunto de relações escolares como referências, no período em que a pandemia do Coronavírus pôs “em suspensão” em âmbito global e no Brasil muitas atividades e práticas sociais, culturais e econômicas (BRINGEL; PLEYERS, 2020, p. 11).

4.7 Interações sociais e atividades escolares mediadas pelo telefone móvel e a *Internet* durante a pandemia da Covid-19.

Em 2020, ao iniciar as atividades de campo desta pesquisa, fomos surpreendidos com uma “questão pública” tal como definida por Mills (1982) que foi a emergência e rápida disseminação de uma variante agressiva do Coronavírus, primeiro em realidades nacionais estrangeiras e depois, a partir de março daquele ano, no contexto brasileiro. Segundo Bringel e Pleyers (2020):

a pandemia do novo coronavírus gerou um estado de alerta global, deixando o mundo em suspenso. Para além de todas as dimensões macro, tratou-se de um acontecimento global que mudou as rotinas e a vida cotidiana de cada ser humano no planeta, com muitos impactos futuros. Bilhões de pessoas foram confinada. Outras, no entanto, não puderam se permitir a esse luxo e seguiram trabalhando no setor da

saúde, na produção, na distribuição de alimentos, e em trabalho social - o transporte, a limpeza e várias outras tarefas que, ainda que definidas como ‘atividades essenciais’ em nossas sociedades, não são suficientemente reconhecidas e valorizadas (BRINGEL; PLEYERS, 2020, p. 11, tradução do autor).

No primeiro semestre de 2020, quando realizava o planejamento para desenvolver as atividades de campo deste estudo, fomos surpreendidos pela chegada do Coronavírus ao estado Brasil e em São Paulo, tendo em vista as circunstâncias que envolveram a disseminação de um vírus que logo se mostrou letal, e devido à isso, as atividades presenciais de educação escolar – básica e superior – foram, primeiro suspensas, e depois, paulatinamente alteradas. Isto porque uma das medidas sanitárias adotadas em São Paulo e no País foi o confinamento socialmente e diminuição, o máximo possível, das interações sociais face a face. Neste cenário as atividades de educação escolar migraram grandemente para o espaço digital, para o mundo da Internet, sendo o telefone móvel um dos suportes ou mediação cultural para a concretização de relações educacionais e também as de “ensino-aprendizagem”.

Quando pude retomar as atividades de campo desta pesquisa, e pude realizar os projetados grupos de discussão com os estudantes do ensino público de pequena cidade do interior paulista, ainda que não tivesse previsto no ponto de partida deste estudo discutir com eles as vivências que tiveram durante a pandemia, indaguei aos estudantes do 1º e 3º ano, sobre as atividades e práticas que realizaram, considerando as interações sociais e as relativas as dinâmicas do mundo escolar, contando com a mediação telefone móvel e *Internet*.

Assim, de acordo com os estudantes do 1º e 3º ano, as aulas “online” tornaram uma imposição predominante e foram percebidas de modos diferenciais por ele:

Pesquisador: Vamos pensar, durante a pandemia, 9º Ano, antes de vir para cá, como é que vocês usavam o celular?

A maioria: *Aula online!* (Alunos, 1º ano)

Usei o [telefone celular], depois fizeram um aplicativo que tinha tarefa, lá (Aluna, 1º Ano)

Utilizava [o telefone celular] para fazer as atividades. Existia um aplicativo. (Aluno, 3º ano)

Tinha aula de multimídia, também. (Aluno, 3º ano)

Quanto à avaliação das atividades escolares que lhes foram endereçadas, eles tiveram, na maioria dos relatos, avaliações negativas, na medida em que o uso do telefone celular se tornou mais uma medida que era imposta e marcada pela heteronomia a todos os estudantes, mas também marcada por formatos que não lhes despertavam a atenção.

Eu não entrava! O certo era eu entrar lá, no site.... Mas, eu sabia que eu não ia passar de ano. Aí, no final do ano, eu tive que correr atrás das tarefas. (Aluna, 1º ano)

Whastapp.... À vezes, a gente vinha aqui na escola entregar os trabalhos. (Aluno, 1º ano)

Confuso: várias aulas e em vários lugares.... Olha no aplicativo, olha no..... coisas no grupo. (Aluno, 3º ano)

As aulas de multimídia eram muito ruins, o professor não explicava direito.... Aí, quando ele passava a matéria, ele só passava, só, nem explicava! (3º ano)

Tinha vídeo, mas não era com o nosso próprio professor! (Aluna, 3º ano)

Mas não foram só as avaliações negativas às medidas didático-pedagógicas que sofreram, também deram alguma unidade as percepções e sentimentos que eles construíram no período da pandemia, pois para parcela dos estudantes que estabeleceram diálogos comigo relataram que naquele momento, eles também puderam se conhecer, se aproximar e produzir laços sociais:

Pesquisador: E como é que ficou a relação entre vocês na pandemia? Na internet em relação à escola?

Bem depressivo! Ficava trancada no quarto, só... Eu não conhecia ninguém da minha sala. (Aluna, 1º ano)

Eles me mandavam mensagem... vamos fazer tarefa, vamos? Nós foi. Aí, eu a conheci. Aí, a gente começou a jogar, fazer tarefa.... Aí, a gente se encontrou a primeira vez, e estamos aí. (Aluna, 1º ano)

Ficou mais próximo. A gente começou a se falar. (Aluna, 3º ano)

Para finalizar esta seção, alguns pontos dos grupos de discussão merecem destaque. Os estudantes do 1º ano relataram que levam e usam o celular na escola e que os professores “são de boa”, e quando os interpelam em virtude do uso sorrateiro do

telefone móvel, eles costumam dar “um migué”. Eles relataram também que durante a explicação do professor deixam de usar aquele suporte tecnológico. Os usos frequentes, em relação às obrigações escolares, são para copiar tarefa, ficar sabendo das datas de provas e outros eventos na escola, mas eles também afirmaram que usavam o telefone móvel para “colar nas provas”. Em sala de aula, no pátio em que vivenciam os intervalos entre aulas, eles faziam o uso do *smartphone* para “ouvir música”, “participar de jogos virtuais” - *online ou off-line*, acessar e “navegar” nas redes sociais, pelo *Instagram*, *Youtube* e o *Tik Tok*.

Em relação às relações sociais e interações no mundo digital, eles afirmaram possuir grupo no *Whatsapp* (aplicativo de mensagem instantânea), no qual, além de compartilharem as obrigações escolares, estabelecem diálogos, conversam, “zoam”, falam e articulam os encontros e o “rolê” do fim de semana, combinam piquenique, entre eles e os professores; naquele aplicativo, eles também falam das brigas que ocorrem entre os pares e também fazem fofoca. Por fim, mais dois destaques, um técnico e um sobre redes sociais.

Já os destaques dos estudantes que integraram o grupo de discussão do 3º Ano são: eles afirmaram que muito frequentemente também usam o telefone móvel e a Internet para jogar *on-line*, de forma astuciosa e sempre driblando a atenção dos professores em sala de aula; também relataram que acessam e utilizam as redes sociais – como o *Whatsapp*, o *Instagram* e o *Youtube* e outros para tirar e postar fotos, para escutar música, assistir vídeos, mas também para estabelecerem relações de pertencimento e identificação com a unidade escolar em que realizam o ensino médio. Em relação às obrigações escolares, usam o aplicativo de *Whastapp* para copiar a tarefa (feita por outro estudante), passar matéria e data de prova, mas também para colar durante as avaliações, burlando ou não acatando as regras escolares e as do grupo ensino. Mas nas redes sociais, eles, como os pares do 1º ano, além de fofocar e discutir, por vezes, investem em atos de incivildades e estabelecem disputas e brigas, dentro e fora do espaço escolar.

Em relação ainda ao tema de obrigações escolares, é possível notar interação e relação social entre estudantes e professores. Segundo os discentes, muitos docentes participam do grupo de tarefa, interagem, postam matéria e tiram dúvidas, inclusive alguns foram qualificados devido a isso como “professor dá hora”. Por falar em professores interagindo com estudantes, muitos relataram que em grupos esportivos da

escola, caso do grupo de futebol, o professor manda mensagem, preocupa-se com a falta do estudante.

Também é de se destacar que durante o período da pandemia do Covid-19, os estudantes relataram que não foram poucos os professores que os auxiliaram do ponto de vista pedagógico e deram apoio mental. Porém, os alunos do 1º e do 3º ano, formularam severas críticas às propostas didático-pedagógicas postas em práticas no espaço virtual pela Secretaria de Educação do estado de São Paulo e assim, para muitos deles não houve aprendizado, pois não ocorreu o ensino. Segundo eles, devido à existência de vários grupos de postagem (via *Whatsapp*), várias plataformas e até mesmo atividades impressas, as vivências fracassaram do ponto de vista das relações de ensino-aprendizagem; para a grande maioria, eles viveram o período da pandemia como “uma experiência confusa”; como afirmou uma estudante do 3º ano: *tinha vídeo, mas não era com o nosso próprio professor!* Esta avaliação é significativa, pois essa estudante formulou uma síntese merecedora de atenção; ela destacou a importância que tem para alguns deles a figura do professor para os processos de socialização e nas relações de ensino-aprendizagem e que os processos de socialização pelos pares e entre os pares são reais, significativos, mas não são suficientes.

Outro destaque para o interesse desta pesquisa é que muitos relataram terem feito amizades, criado e fortalecido laços sociais pela *Internet*, e quando as aulas presenciais foram retomadas, no período pós-pandêmico, a amizade e os vínculos se mantiveram.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se propôs a compreender as interações geradas pelo uso do aparelho celular, o *smartphone*, com acesso à *Internet*, e os desdobramentos dos usos formalizados nas interações entre eles e os pares e entre eles e os integrantes da geração adulta nos territórios do mundo escolar.

Em todos os momentos da pesquisa adotou-se a noção de juventudes, no plural, como uma categoria com contornos próprios em contextos históricos, sociais, econômicos e culturais distintos. Características como as condições sociais, a origem de classe, cor da pele, diversidade cultural, sejam elas culturais, religiosas e os valores familiares, diversidade de gênero, como a heterossexualidade, homossexualidade, transexualidade, além das diferenças territoriais, também foram levadas em consideração para se referir aos diversos modos de viver a juventude (DAYRELL, CARRANO, 2014), pois segundo De Sousa (2014, p. 62): “a juventude não pode ser olhada apenas na sua aparente unidade, mas é preciso considerar também a sua diversidade” (DE SOUSA, 2014, p. 62).

Esta juventude diversa acessa a *Internet* por meio dos *smartphones* e que segundo Lévy (1999), no contexto atual, vive-se um movimento globalizado com jovens sedentos por novas experiências, de forma coletiva, diferentes daquelas propostas pela mídia clássica. E quanto mais jovem o indivíduo, maior é a utilização das novas ferramentas tecnológicas e comunicacionais, principalmente dentro da rede que interliga computadores em todo o mundo (CASTELLS, 2000). Esta nova forma de comunicação descentralizada, coletiva e colaborativa desenvolve-se por meio dos *Tablets*, *notebooks* e como citado, pelos *smartphones*, e o acesso a esse espaço virtual pode ser feito de qualquer lugar para qualquer lugar, ou seja, o indivíduo pode estar em diversos lugares ao mesmo tempo (LUCENA, 2016).

Ao pensar nas experiências destes sujeitos dentro da escola, os jovens alunos, Corti (2014) alerta para a existência de jovens que vivem suas sociabilidades, interações e práticas culturais ao mesmo tempo em que vive o tempo escolar. Porém, a instituição não considerada esta forma de viver dos mais novos e os tratam com aquele modelo mais tradicional no qual o aluno deve aceitar passivamente normas, regras e disciplina escolar, gerando como consequência, o burlar a regra e o escapar do controle do adulto. Portanto, o “ser aluno” é uma construção social, uma idealização da sociedade, “Não se

nasce aluno, alguém torna-se aluno” (SPOSITO, 2003, p .218). Ocorre assim uma dissociação de ser jovem e do ser aluno.

Para acessar estes jovens, a pesquisa seguiu todo um passo a passo, como descrito em páginas anteriores. Dos resultados construídos com as observações realizadas em diferentes lugares da unidade escolar e a partir das narrativas que os jovens formularam nos grupos de discussão, foi possível compreender justamente como se desenvolvem as experiências dos jovens estudantes ao usar o *smartphone* e a *Internet* dentro e fora da escola e quais desdobramentos isso têm nas interações sociais que eles vivenciam com os adultos e com os pares, na dinâmica social e cultural da escola que frequentam cotidianamente.

Interações em rede social de fotos, como o *Instagram*, estão presentes nas duas turmas. Combinar a atividade de lazer do fim de semana, são realizadas via *Whatsapp* (aplicativo de troca de mensagens), assim como, no mesmo aplicativo, eles organizam encontros e piqueniques em que contam com a participação de professores do estabelecimento de ensino. Assim, dessas atividades podemos afirmar que o uso do telefone no interior da escola – na sala de aula e em outros lugares, os estudantes que colaboraram com o estudo afirmam que é comum que eles invistam e adensem nas redes de relações e interações sociais, sobretudo no que diz respeito a produção de sociabilidades lúdicas.

No entanto, tanto nas atividades de observação como nos posicionamentos que realizaram nos grupos de discussão, jovens-estudantes, homens e mulheres, que estabeleceram interlocuções conosco, ressaltaram também como eles e elas agem no sentido de burlarem ou mesmo desacatarem a norma, a regra legal que proíbe o uso do telefone celular na escola. Afirmações neste sentido se fizeram presentes em várias falas das duas turmas. Em alguns casos, o telefone móvel e a *Internet* serviram para que eles pudessem enfrentar o desafio de elucidar as questões da prova de uma ou outra disciplina curricular, mediante a troca das “respostas corretas” entre os envolvidos na burla. Outro modo de desacatar a norma se dava no sentido de desestabilizarem o desenvolvimento ordinário comum das aulas em geral e alterarem o funcionamento da escola.

Nos dois grupos de discussão também nos foi revelada a existência e disseminação da fofoca. Todavia, não foi possível apreender entre eles um consenso quanto à positividade das fofocas - quando ela ocorria como uma espécie de prática lúdica, de diversão, ou a negatividade delas – quando diante de uma fofoca as tensões se

ampliavam e tomavam conta das relações entre eles – exemplo das “brigas”, como afirmaram. Contudo, se pelas vias das fofocas as interações se tornavam tensas dentro da escola e mesmo extramuros, nas falas dos estudantes não foi possível perceber se em algum momento elas chegaram a servir de combustível para a gestão e manifestação de conflitos – entre eles ou entre eles e os membros do grupo de adultos da escola.

Os estudantes que contribuíram com este estudo, assim como os jovens estudantes que dialogaram com Pereira (2010), também destacaram a promoção da “zoeira”, “da brincadeira” como uma forma de dotar de informalidade as relações de ensino-aprendizagem no interior da sala de aula, como uma forma de tensionar as relações com os docentes, mas também como uma forma de vivenciarem modos de darem respostas às responsabilidades e desafios do mundo escolar e não só o do grupo ensino impostos a todos os estudantes.

Nas atividades de campo foi possível detectar os comportamentos e experiências dos jovens em relação ao uso do aparelho celular com acesso à *Internet* e os desdobramentos causados por esse dentro do universo escolar entre os próprios jovens e dos adultos. No entanto, deixo claro que isso transcorreu dentro um contexto específico, de uma escola específica, assim com sujeitos únicos e diversos, não podendo fazer generalizações ou mesmo fechar questões. Brechas para um maior aprofundamento da fofoca estão presentes e podem ser exploradas, assim como compreendidas em outros contextos. A zoeira, também presente nas falas, pouco foi desenvolvida, tendo também uma grande possibilidade de desenvolvimento. E o próprio estudo das juventudes, suas relações, suas interações e suas sociabilidades, além das novas tecnologias da informação e comunicação (NTICs), são possibilidades e oportunidades para novas pesquisas nas áreas das Ciências Sociais e outras ciências.

Resultados de estudos sobre temáticas semelhantes à nossa, realizados no contexto brasileiro com jovens estudantes da educação básica, vêm reforçando a compreensão de como as relações e interações entre estudantes munidos com seus celulares e professores desassistidos da mesma mediação cultural podem ser conturbadas e gerarem novos desafios para o cotidiano do mundo escolar. No novo contexto que estamos mergulhados, os docentes vivenciam novas inquietudes em relação ao estudante-jovem- ciborgue, pois parece haver, entre os docentes da escolarização básica uma incompreensão sobre as novas formas juvenis de compreender a própria vida, existindo inclusive uma sensação de perda de prestígio por parte dos professores, pois o jovem ciborgue, segundo a pesquisadora, é o que mais transita com

mais independência, autonomia e desenvoltura no ciberespaço do que os professores, colocando em xeque a relação de poder e das hierarquias de saber dentro da sala de aula (SALES, 2014).

Sobre as relações de poder que estabelecem professores e alunos no interior da escola na atualidade, recorreremos aos resultados de um estudo transnacional que soltou à compreensão das formas de participação de estudantes do ensino médio na esfera escolar. Sobre as relações de poder mencionada, Sposito *et al.* (2020) enfatizam que os representantes do mundo adulto no interior das escolas operam com filtros que os impedem de apreender com nitidez o que os representantes das novas gerações de estudantes carregam, como suas necessidades, demandas e desejos, e expressa, recorrentemente, sociabilidades criativas, gerando tensionamento ao solicitarem por reconstrução de lugares, de papéis e de expectativas. Há uma transformação, portanto, das relações de poder entre os adultos e os adolescentes.

Para produzir um ponto final temporário à discussão sobre tensionamentos e a transgressão da ordem do mundo escolar em relação ao uso do telefone móvel por estudantes do ensino médio, recorreremos à contribuições oferecidas pela pesquisa de Dos Santos e Schroder (2023), que demonstraram um jovem-estudante que disputa a produção de sua autonomia e subjetividade a partir de novos modos de ser jovem e que solicita o seu reconhecimento aos adultos e agentes institucionais da escola, pois a escola á emerge na contemporaneidade como um mundo desencantado. Contudo, como em outras temporalidades em que os estudantes e jovens interpelaram a escola e sua cultura – com o romance, com o rádio, com a televisão etc. (BARRERE, 2014), eles agem não no sentido de construírem um fosso entre as gerações, mas agem no sentido de reafirmarem que assim como os mais jovens apreendem e se socializam com os adultos, esses, também apreendem e se socializam com os herdeiros do mundo, isto é, eles tanto são atores ativos dos processos pós-figurativos como de processos prefigurativos e co-figurativos de socialização.

Portanto, se há novos desafios e provas que hoje estruturam o mundo escolar, para estudantes e professores, se há desencontros e tensões nas relações entre jovens estudantes do ensino médio e seus professores, eles também afirmam que é possível a construção de uma experiência social comum em que eles, alunos e professores, podem produzir novas modulações entre as relações entre saber e poder, no interior das relações e interações entre as gerações que se encontram e tecem o cotidiano e a cultura do mundo escolar.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, E.; DAYRELL, J.; CARRANO, P. Sociabilidade, lazer e construção de estilo de vida de jovens na realidade brasileira contemporânea. In **2º Foro de Sociologia ISA: Justicia Social y Democratizacion**, 1 a 4 de agosto, 2012, Buenos Aires, Argentina.

ALMEIDA, E. *et al.* Projeto cidadãos inteligentes para cidades inteligentes: informe Brasil. Ribeirão Preto, São Paulo, FFCL/FEUSP, **Relatório Projeto CITADEL/UIU-ALCANI-USP**, 2018, mimeo.

ALONSO, A. **Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: CEBRAP/SESC, 2016.

BATISTA, A. M. B. **Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes offline**. 2017. Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora, Portugal. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/22391>

BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. **Questões de sociologia**, p. 112-121, 1983.

BRANDÃO, Z. A dialética micro/macro na sociologia da educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 113, 2001, p. 153-165.

BRINGEL, B.; PLEYERS, G. **Alerta global. Políticas, movimientos sociales y futuros en disputa en tiempos de pandemia**. Buenos Aires: Clacso, 2020.

CÂNDIDO, A. A estrutura da escola. **Educação e sociedade: leituras de sociologia da educação**, v. 10, p. 107-128, 1964.

CÂNDIDO, A. A.; DOS SANTOS PEREIRA, L. Fake News numa sociedade pós-verdade na política brasileira. **Revista Farol**, v. 9, n. 9, p. 213-232, 2020.

CARRANO, P. Juventudes: as identidades são múltiplas. **Movimento-Revista de educação**, n. 01 de 2000.

CARRANO, P.C. (org.). **Pesquisa Juventudes no Brasil**. São Paulo: Fundação SM, 2021.

CARRANO, P. C. R. Redes sociais de Internet numa escola de ensino médio: entre aprendizagens mútuas e conhecimentos escolares. **Perspectiva**, v. 35, n. 2, p. 395-421, 2017.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTELLS, M. A sociedade em rede: do conhecimento à política. **A sociedade em rede: do conhecimento à ação política**, p. 17-30, 2005.

CASTRO, R. F. de. **A educação de jovens em partido político no contexto de trocas e transmissões geracionais.** 2018. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59140/tde-15062018-082738/pt-br.php>

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. **Tic domicílios:** pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros, São Paulo, Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2017. Disponível em:

https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic_dom_2017_livro_eletronico.pdf

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. **Tic domicílios:** pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros, São Paulo, São Paulo, Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019. Disponível em:

https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20201123121817/tic_dom_2019_livro_eletronico.pdf

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. **Tic domicílios:** pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros, São Paulo, São Paulo, Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2021. Disponível em:

https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20221121125504/tic_domicilios_2021_livro_eletronico.pdf

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. **Tic kids online Brasil:** pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil – 2016, São Paulo, Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2017. Disponível em:

https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_KIDS_ONLINE_2016_LivroEletronico.pdf

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. **Tic kids online Brasil:** pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil – 2021, São Paulo, Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2021. Disponível em:

https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20221121120124/tic_kids_online_2021_livro_eletronico.pdf

CORROCHANO, M. C. O campo de estudos de juventude no Brasil e suas interfaces com a educação e o trabalho: balanço e perspectivas da produção acadêmica (2007-2016). Relatório final, 2021. Disponível em:

<https://www.ppged.ufscar.br/pt-br/academico/financiamento-a-pesquisa-integrantes/o-campo-de-estudos-de-juventude-no-brasil-e-suas-interfaces-com-a-educacao-e-o-trabalho-balanco-e-perspectivas-da-producao-academica-2007-2017>

CORTI, A. P. Ser aluno: um olhar sobre a construção social desse ofício. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo.** Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 323, 2014.

DATAREPORTAL. **Global Overview Report 2023**: os principais insights do DataReportal para o digital. Disponível em: <https://datareportal.com/>. Acesso 28 fev. 2023.

DAYRELL, J. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. **Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 101-133, 2014.

DE SOUZA MARTINS, H. H. T. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e pesquisa**, v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004.

DE SOUSA, C. C. **Juventude(s), Mídia e Escola: ser jovem e ser aluno face à midiaticização das sociedades contemporâneas**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS9TDJ7J/1/tese_finalizada_cirlene.pdf

DOS SANTOS, M.; SCHROEDER, T. M. R. Juventude: perspectivas de professores e de alunos do ensino médio. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 3, p. e11712332991-e11712332991, 2023.

DUBET, F. **Sociologia da experiência**, Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

ELIAS, N. **Os estabelecidos e os outsiders**. 1ª Edição, São Paulo: Zahar, 2000.

GATTI, B. A. Estudos quantitativos em educação. **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 1, p. 11-30, 2004.

GIDDENS, A. **Sociologia**. 6ª Edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

GOBBI, M. C. Nativos digitais na sociedade tecnológica: desafios para o século xxi. **Revista Argentina de Estudios de Juventud**, n. 5, 2012.

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue. Antropologia do ciborgue. Belo Horizonte: **Autêntica**, p. 33-118, 2000.

JACKS, N.; SCHMITZ, D. M. Sujeitos juvenis e protagonismo social em Jesús Martín-Barbero. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 24, n. 2, 2017.

JÚNIOR, G. C.; BUNGENSTAB, G. C. Entre o tempo livre e a educação: considerações sobre juventude, mídia e lazer. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 21, n. 4, pág. 502-528, 2018.

LÉVY, P. **Cibercultura**. 1ª Edição São Paulo: Editora 34, 1999.

LUCENA, S. Culturas digitais e tecnologias móveis na educação1. **Educar em Revista**, p. 277-290, 2016.

LUPTON, D. **Digital sociology**. First Edition, New York: Routledge, 2015, 236 p.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. **La juventud es más que una palabra**; Marcador no.

MARTUCCELLI, D. **Grammaires de l'individu**. Paris: Gallimard, 2002.

MARTUCCELLI, D. Gramáticas del individuo. Buenos Aires: Losada, 2007a. **Lecciones de sociología del individuo**. Cuaderno de trabajo a Pontificia Universidad Católica del Peru, n. 2, ago. 2007b.

MEAD, M. **Cultura y compromiso**. Primera Edición, Barcelona: Gedisa, 2002.

MILLS, C. W. **A Imaginação sociológica**. 2ª Edição, São Paulo: Editora Zahar, 1982.

NASCIMENTO, L. F. A sociologia digital: um desafio para o século XXI. **Sociologias**, v. 18, p. 216-241, 2016.

NOVAES, R. Juventude e religião, sinais do tempo experimentado. **Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 20, n. 2, 2018.

PEREIRA, A. B. **A maior zoeira: experiências juvenis na periferia de São Paulo**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.8.2010.tde-17112010-141417>

PESTANA, M. As religiões no Brasil. **ISER**. RJ, 2021.

REGUILLO, R. Las culturas juveniles: un campo de estudio; breve agenda para la discusión. **Revista Brasileira de educação**, p. 103-118, 2003.

RIBEIRO, E. **Juventude Brasileira e democracia**: participação, esferas e políticas públicas. Relatório Final, Pólis – Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://www.mprs.mp.br/media/areas/infancia/arquivos/democracia.pdf>

SALES, S. R. Tecnologias digitais e juventude ciborgue: alguns desafios para o currículo do ensino médio. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 229-248, 2014.

SÃO PAULO (Estado). **Lei Complementar nº 1.290, de 06 de Julho de 2016**. Dispõe sobre a criação da Região Metropolitana de Ribeirão Preto e dá providências correlatas. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei.complementar/2016/lei.complementar-1290-06.07.2016.html#:~:text=Cria%20a%20Regi%C3%A3o%20Metropolitana%20de%20Ribeir%C3%A3o%20Preto%20e%20d%C3%A1%20provid%C3%Aancias%20correlatas>. Acesso em: 26 jun. 2023.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Juventude, mídias e TIC. **O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social** (1999-2006), Volume 2, 2009.

SETTON, M. G. **Mídia e educação**. 1ª Edição, São Paulo: Editora Contexto, 2013.

WAUTIER, A. M. Para uma sociologia da experiência. Uma leitura contemporânea: François Dubet. **Sociologias**, p. 174-214, 2003.

WELLER, W. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e pesquisa**, v. 32, n. 02, p. 241-260, 2006.

APÊNDICE

Pesquisa: *O uso do smartphone e o acesso à Internet por estudantes de Escola Pública de Ensino Médio – USP/FFCLRP-PPG em Educação – Prof. Guilherme Wilson Furlan Matos Alves e Prof. Dr. Elmir de Almeida*

1. Escola:

1. () Pública
2. () Privada
3. Série:
4. Período:

2. Qual é a sua idade? _____ anos

3. Qual é o seu sexo?

1. () Masculino
2. () Feminino
3. () Não me identifico com nenhum sexo.
4. () Outro. Qual? _____
4. () Prefiro não responder.

4. Qual a sua orientação sexual?

1. () Heterossexual
2. () Homossexual
3. () Bissexual
4. () Outra. Qual? _____
5. () Prefiro não responder.

5. O censo IBGE 2010 classifica pessoas nos Brasil em relação à sua cor/etnia com as categorias branco, pardo, preto, indígena. Como você se considera?

1. () Branco(a)
2. () Pardo(a)
3. () Preto(a)
4. () Indígena
5. () Amarelo(a)
6. () Sem declaração
7. () Outros _____

6. Você tem alguma religião?

1. () Sim
 2. () Não
- Qual? _____

7. Você se considera praticante?

1. () Sim
2. () Não

8. Considerando o salário-mínimo federal de R\$ 1.212,00, você tem ideia aproximada de qual é a renda de sua família hoje?

1. () Até 1 salário mínimo (até R\$1.212,00)
2. () De 1 a 3 salários mínimos (até R\$3.636,00)
3. () De 3 a 5 salários mínimos (até R\$6.060)
4. () Mais do que 5 salários mínimos (mais de R\$7.272)
5. () Não sei

9. Atualmente você trabalha fora de casa?

1. () Sim.
2. () Não

10. Você recebe salário por essa atividade?

1. () Sim
2. () Não

11. Em dias de aula, quanto tempo você gasta fazendo trabalhos domésticos?

1. () Menos de uma hora por dia
2. () Entre uma e duas horas por dia
3. () Mais de suas horas até três horas por dia
4. () Mais de três horas
5. () Não faço trabalhos domésticos

12. Dos grupos ou associações abaixo, qual(is) você participa?

1. () Meio-ambiente/ ecologia
2. () Religiosas
3. () Esportivas
4. () Trabalhos voluntários
5. () Político-partidárias
6. () Melhoria da comunidade
7. () Comunicação (jornal, rádio etc.)
8. () Estudantis (grêmio, conselho de escola)
9. () Outra(s). Qual(is)? _____
10. () Não participa de nenhum(a)